

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM
GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO

SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM
GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO**

SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

Sob a Orientação do professor

Ramofly Bicalho dos Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, área de concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Agosto de 2014**

370.113098116

M929r

T

Moura, Sâmia Adriany Uchôa de, 1971-
Reflexões sobre as necessidades
pedagógicas em geografia do Amapá e o
livro didático / Sâmia Adriany Uchôa de
Moura - 2014.
79 f.: il.

Orientador: Ramofly Bicalho dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola.
Bibliografia: f. 69-71.

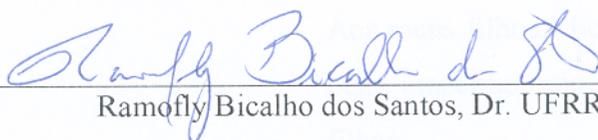
1. Ensino profissional - Amapá - Teses.
2. Amapá - Geografia - Teses. 3. Geografia
- Estudo e ensino - Teses. 4. Geografia -
Metodologia - Teses. 5. Livros didáticos -
Teses. I. Santos, Ramofly Bicalho dos,
1970-. II. Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 26/08/2014.



Ramofly Bicalho dos Santos, Dr. UFRRJ



Lia Maria Teixeira de Oliveira, Dra. UFRRJ



Andréa Santos da Silva Pessanha, Dra. Uniabeu-RJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele nada teria acontecido.

À minha mãe, que foi a minha primeira alfabetizadora e não mediu esforços em me apoiar em todos os momentos da minha vida.

Ao meu amado esposo, que sempre apoiou em todos os momentos de minha busca por conhecimento.

Aos meus filhos Michel e Inácio, que admiro muito pelo empenho nos estudos e, por serem ótimos filhos.

Aos meus amigos, de maneira especial ao André que me deu muita força.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ti meu Deus, porque derramastes todas as bênçãos na minha vida para que eu pudesse chegar até aqui. Vós me ensinastes a ser como tua criatura, pois me ensinastes a trilhar o caminho do conhecimento, buscando novos horizontes a serviço do outro.

Agradeço ao meu orientador, Ramofly Bicalho dos Santos, grande educador, que me ensinou muito e me apoio em todos os momentos. Minha sincera gratidão.

Ao meu esposo, que sempre esteve comigo, demonstrando carinho, compreensão e muito amor. Saiba que eu também “te amo”!

A minha mãe que pela obra divina me trouxe ao mundo, cuidou de mim e lutou muito pra me garantir um futuro próspero e, aos meus filhinhos, que são os grandes tesouros da minha vida e, que sempre me incentivaram.

A todos os professores, colaboradores do PPGEA, e amigos companheiros do mestrado com quem partilhei um momento muito especial da minha vida.

RESUMO

MOURA, Sâmia. **Reflexões sobre as necessidades pedagógicas em Geografia do Amapá e o livro didático**. 2014. 79 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

Essa pesquisa foi realizada no Instituto Federal do Amapá e na Escola Professor Gabriel de Almeida Café nos cursos de Técnico em Edificações e Técnico em Administração respectivamente, com duas turmas de 3º ano. Também, se fez necessário incluir o município de Laranjal do Jari, uma vez que fez parte de nossa proposta metodológica de desenvolver conteúdos sobre o espaço local. Nosso objetivo foi descobrir se a produção bibliográfica de Geografia do Amapá nas escolas públicas de ensino profissional do Amapá, atende ou não as necessidades pedagógicas dos professores e alunos. Por isso, foram ouvidos 3 discentes, 60 alunos dos cursos acima citados e, alguns moradores do município de Laranjal do Jari. A metodologia aplicada foi a pesquisa social e a história oral, onde foi possível ouvir nossos sujeitos da pesquisa em vários momentos, a partir de conversas informais e gravadas, aplicação de questionários com perguntas semiestruturadas e, por fim, construímos um acervo oral quando experimentamos a execução de um projeto interdisciplinar. Foi observado que o livro didático não dá conta de abordar a geografia local, visto que a territorialidade brasileira é muito extensa. Entendemos que o Brasil é constituído de uma diversidade regional política, econômica, social e ambiental e que é rica no que tange aos aspectos culturais. Além dessa análise, percebemos que os discentes e docentes encontram várias barreiras que dificultam os mesmos de por em prática um processo de ensino-aprendizagem em Geografia do Amapá que venha satisfazê-los. Como proposta metodológica, foi desenvolvida uma experiência a partir da realização de um projeto interdisciplinar com o uso do livro didático, textos de sites geográficos e acervo oral, que explorou características geográficas amapaenses in lócus, onde obtivemos um feedback muito positivo. A partir dessa comprovação será proposto ao Instituto Federal do Amapá e outras escolas que trabalham com o Ensino Médio Integrado nosso projeto de pesquisa, no intuito de dar continuidade na proposta metodológica apresentada. Como subsídios de nossas investigações foi realizada uma ampla revisão de literatura.

Palavras-chave: Necessidades pedagógicas, Ensino-Aprendizagem de geografia, Livro didático.

ABSTRACT

Moura, Sâmia. **Reflections on the pedagogical needs of Amapá in Geography and the textbook.** 2014. 79 p. Thesis (MS in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. In 2014.

This research was conducted at the Federal Institute of Amapá and School Professor Gabriel Almeida Café courses in Building Technician and Technical Administration respectively, with two groups of 3rd year. Also, it was necessary to include the city of Jari Orangery, since it was part of our methodological proposal to develop content on the local space. Our goal was to discover the bibliographic production Geography of Amapá in public vocational schools of Amapá, meets or not the pedagogical needs of teachers and students. So were heard three students, 60 students of the courses mentioned above, and some residents of the municipality of Jari Orangery. The methodology was applied social research and oral history, where we could listen to our research subjects at various times, from informal and recorded conversations, semi-structured questionnaires with questions and finally built a decent oral when we experience implementation of an interdisciplinary project. It was observed that the textbook is not enough to address the local geography, because the Brazilian territoriality is very extensive. We understand that Brazil is made up of a diverse regional political, economic, social and environmental policies that is rich in terms of cultural aspects. In addition to this analysis, we realize that students and faculty are several barriers that hinder them to put into practice a process of teaching and learning in Geography Amapá that will satisfy them. As a methodological approach, an experiment was developed from the realization of an interdisciplinary project with the use of textbooks, texts geographic sites and oral collection, which explored Amapá geographical features in locus, where we obtained a very positive feedback. From this evidence will be proposed to the Federal Institute of Amapá and other schools working with the Middle School Integrated our research project, in order to continue the methodological proposal. As our investigations grants a broad literature review was performed.

Key words: educational needs, Teaching and Learning Geography, Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Município de Laranjal do Jari	47
Figura 2 – Alunos catalogando e tabulando dados sobre Laranjal do Jari.....	48
Figura 3 – Atoleiro durante a viagem ao Laranjal do Jari.....	49
Figura 4 – Mapa rodoviário do Amapá.....	50
Figura 5 - Alunas do 1º Ano do Curso Técnico de Alimentos, saindo de Macapá ao Laranjal do Jari.Fonte: Arquivo de MOURA. S. A. U. (novembro, 2012)	50
Figura 6 – Trecho com perigo de atoleiro.	55
Figura 7 - Ecossistema campestre amapaense.....	55
Figura 8 – Cerrado amapaense.	56
Figura 9 - instalações da escola de 1º grau Vinha de Luz.....	58
Figura 10 - Coleta de lixo em Laranjal do Jari.....	59
Figura 11 – Vista da cidade no sentido Oeste –Leste (Margem esquerda do Rio Jari)	59
Figura 12 - Ao centro, estrutura da ponte que ligaria Laranjal do Jari à Monte Dourado.	61
Figura 13 – Catráia, pequena embarcação que faz o transporte de pessoas.....	61
Figura 14 - Palafitas à margem esquerda do Rio Jari.	62
Figura 15 - Entrada da Cidade de Almeirim – Monte Dourado (PA). Ao lado da foto a aparência do solo.	62
Figura 16 – Moradia da vila de Monte Dourado (PA).....	63
Figura 17 - Quadra esportiva do colegio Olimpus na vila Munguba-Almeirim-Pará-PA.	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Uso do livro didático	23
Gráfico 2 - Formas de Uso do Livro Didático	24
Gráfico 3 - Grau de satisfação do livro didático de Geografia	25
Gráfico 3.1 - Motivo da satisfação	26
Gráfico 3.2 - Motivo da Parcialidade	27
Gráfico 3.3 - Motivo da insatisfação	28
Gráfico 4 - Metodologia do professor em Geografia do Amapá	29
Gráfico 5 - Nível de satisfação do acervo de Geografia do Amapá	32
Gráfico 6 - Sugestões para aulas de Geografia do Amapá mais significativas	33
Gráfico 7 - Uso do livro didático	33
Gráfico 8 - Formas de uso do livro didático de Geografia	34
Gráfico 9 - Grau de satisfação do livro didático de geografia	35
Gráfico 9.1 - Motivo da satisfação	35
Gráfico 9.2 - Motivo da parcialidade	36
Gráfico 9.3 - Motivo da insatisfação	37
Gráfico 10 - Metodologia do professor em Geografia do Amapá	37
Gráfico 11 - Nível de satisfação com o acervo de Geografia do Amapá	38
Gráfico 12 - Motivo da insatisfação	38
Gráfico 13 - Sugestões de aulas mais significativas	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resumo dos dados levantados do Percorso rodoviário – Macapá ao Laranjal do Jari	53
Tabela 2: Equipes de trabalho formadas pela turma 1012 do Curso Técnico em Alimentos.	56
Tabela 3 – Síntese das Pesquisa na área urbana de Laranjal do Jari.....	58
Tabela 4 – Resumo das entrevistas com moradores da cidade.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. CAPÍTULO I: A METODOLOGIA APLICADA E A EXPLORAÇÃO DA REALIDADE	4
3.1. Contexto da Pesquisa	7
3.2. Participantes da Pesquisa	9
3.3. Coleta de Dados.....	10
3.3.1- Questionários.	11
3.3.2- Análise das entrevistas e documentos.....	12
3.4. Obtenção da Informação e Análise dos Dados	13
2. CAPÍTULO II- ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO AMAPÁ E AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS NO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.....	15
2.1. A Abordagem Teórico-Metodológica em Geografia	15
2.2. Comparações entre as Necessidades Pedagógicas de Professores e Alunos ao que o Livro didático de Geografia do Amapá Apresenta.	19
2.3. Dados levantados junto aos alunos do 3º ano do curso técnico Integrado em Edificações, sobre o uso do livro de didático de geografia, o grau de satisfação, a metodologia do professor e as sugestões de aulas mais significativas.	23
2.3.1- Dados levantados junto aos alunos do 3º ano do curso Técnico em Administração da Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café sobre: o uso do livro de didático de geografia, o grau de satisfação, a metodologia do professor e as sugestões de aulas mais significativas.	33
2.4. A abordagem do espaço agrário amapaense no livro didático de geografia do Amapá no Terceiro ano do Ensino Médio Integrado.....	40
3. CAPÍTULO III – REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ: O CASO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DE MACAPÁ AO LARANJAL DO JARI.....	43
3.1. Contexto da atividade pedagógica	43
3.2. O projeto desenvolvido e a prática docente significativa.	44
3.3. Procedimentos metodológicos do projeto interdisciplinar.....	46
3.4. Resultados do Projeto Interdisciplinar	47
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

Nossa intenção com esta temática é fazer uma reflexão acerca da produção bibliográfica de Geografia do Amapá nas escolas públicas de ensino profissional do Amapá, com o intuito de descobrir se a mesma atende ou não as necessidades pedagógicas dos professores e alunos.

Nossas pesquisa estão voltadas para um estudo no Terceiro Ano do Ensino Médio Integrado nas seguintes instituições públicas de ensino: O Instituto Federal do Amapá e a Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café, e se justifica pela necessidade pessoal de fazer uma reflexão acerca: Dos critérios adotados para a construção do livro didático de geografia do Amapá, buscando saber se os mesmos atendem as necessidades didáticas e metodológicas; Da abordagem sobre o espaço agrário amapaense nos cursos técnicos na forma integrada; e algumas contribuições metodológicas sobre o ensino da geografia do Amapá.

De acordo com PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE (2009) o livro didático é a princípio tanto uma produção cultural como uma mercadoria, cujo o conteúdo deve ser avaliado criteriosamente e seu uso em sala de aula depende da relação existente entre os vários fatores: a formação geográfica e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende.

Para contextualizarmos historicamente essa questão José Willian Vesenti (1998) diz que, o ensino da geografia, por ter sofrido grandes transformações, sobretudo nos séculos XIX e XX, tornou-se foco de grande relevância para a compreensão da práxis pedagógica em sala de aula, nos mais variados níveis de ensino. Nesse contexto, foi bastante discutida, na década de 1990, a necessidade de se ter uma proposta metodológica que leve o aluno a conhecer melhor o espaço que vive, ou seja, compreender e apreender as características e peculiaridades do espaço geográfico nas suas múltiplas dimensões contextualizando e regionalizando.

Em outras palavras, Milton Santos (2008), contribui relevantemente sobre essa questão, quando propõe que a escola trabalhe a natureza do espaço que se manifesta por um processo de metamorfose e exige que a sociedade humana acompanhe essas transformações, sobretudo em meio ao contexto da Revolução Tecnocientífica e informacional que propiciou maior globalização. Além desses autores, Demétrio Magnólio, Vânia Vlach, Igor Moreira entre outros compartilharam do mesmo desejo de produzir um material didático que venha atender as exigências pedagógicas inserida na nova ordem mundial e, que, por conseguinte, abre-se um mercado voltado para este fim, fato que acaba estimulando a produção cultural geográfica.

Porém, durante nossas análises percebemos que os livros didáticos desses autores não conseguem dar conta da geografia local e, de fato isto constitui uma tarefa extremamente difícil de alcançar, uma vez que as especificidades do espaço geográfico brasileiro são densas de informações.

É interessante ressaltar que o Estado do Amapá, no início do século XX começava a implementar o ensino superior com a criação da Fundação Universidade Federal do Amapá em 1990, na cidade capital Macapá (SILVA. 2014). Nesse período a produção bibliográfica de Geografia do Amapá era muito insuficiente, no que concerne a abordagem de questões específicas sobre o Estado do Amapá, pois os poucos dados que se tinha poder-se-ia encontrar em órgãos como IBGE, Forças Armadas, IEPA, numa linguagem extremamente técnica. A exemplo disso, pode-se citar alguns desses textos:

Em 1981 a abrangência geográfica da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) foi mais uma vez ampliada, passando a excluir

somente a área rural da antiga Região Norte, que compreendia as seguintes Unidades da Federação: Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. Para as pesquisas da década de 90 esta abrangência geográfica foi mantida, ou seja, a PNAD continuou a cobrir todo o País, com exceção da área rural dessas seis Unidades da Federação. (IBGE. 1998. Acesso em 2013)

Possivelmente, esse é um forte motivo que pode explicar o pouco conhecimento que se tem sobre o espaço amapaense, sobretudo dentro do ambiente escolar. Reforço essa questão citando Castrogiovanni (2006) que diz: Nem sempre o que é próximo é verdadeiramente próximo, pois o processo de alfabetização geográfica é de grande relevância para que se possa compreender o espaço tanto local como o global, ou seja, o mesmo garante que é preciso reforçar na prática pedagógica, metodologias que trabalhe do todo para as partes e das partes para o todo.

As categorias de análise do espaço geográfico é um dos critérios que devem se manifestar nos livros didáticos de geografia, orientando os docentes e discentes para a compreensão das várias escalas geográficas, onde se torna relevante um ensino que valoriza não tão somente questões globais ou nacionais, mas, também, regionais e locais.

Sabemos que os Parâmetros Curriculares Nacionais devem ser trabalhados, mas não podemos tê-los como dogma. Dessa forma o currículo pode ser empobrecido quando se deixa secundarizar as particularidades das realidades. Entendemos que é contextualizando conhecimentos e construindo saberes a partir da identidade local que se pode perceber e apreender o meio que se vive e conseqüentemente se sentir parte ativa desse contexto.

Diante do disposto, refletimos sobre as seguintes questões: como podemos trabalhar o espaço local utilizando o livro didático de geografia e os escassos materiais de apoio sobre o Amapá? A produção bibliográfica de geografia do Amapá utilizada no IFAP, Câmpus Macapá, e na Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café aborda questões específicas e próprias desse estado de maneira regionalizada num contexto sociocultural? Essas referências atendem as necessidades pedagógicas de professores e alunos?

Dessa forma, levantaremos como pontos de análise os seguintes fatores: A) as correntes tradicionais da geografia versos o processo de mudanças geopolíticas marcadas pela Revolução tecnocientífica e informacional e sua influência no processo pedagógico; B) Os escassos investimento na área da educação por parte da administração pública local e, C) a necessidade de referências capazes de trabalhar a geografia do Amapá como um componente curricular mais significativo, contextualizado, regionalizado e interdisciplinar.

Para tanto, as questões acima citadas bem como a problemática levantada foram desenvolvidas em três capítulos, a saber: 1) **A metodologia aplicada e a exploração da realidade**, onde foi feita uma abordagem de minha experiência de vida enquanto professora a partir das correntes pedagógicas que influenciaram minha formação docente e o processo de construção de minha praxe pedagógica. 2) **Abordagem teórico-metodológica dos livros didáticos de geografia do Amapá e as necessidades pedagógicas no terceiro ano do ensino médio integrado**. Nesse capítulo, apresentamos algumas pesquisas sobre o uso do livro didático por alunos e professores e a prática pedagógica em Geografia, sobretudo, a do Amapá, e 3) **Reflexões sobre experiências pedagógicas em geografia do amapá: o caso do projeto interdisciplinar de Macapá ao Laranjal do Jari**, onde exploramos a experiência pedagógica a partir de um projeto interdisciplinar, na intenção de contribuir para com docentes e discentes como proposta de se dar conta dos conteúdos locais, uma vez que dificilmente o livro didático de geografia pode alcançar.

Portanto, nosso trabalho busca, conforme o que se tem como objeto de estudo, compreender os avanços e recuos do processo de ensino e aprendizagem da Geografia na educação profissional do Amapá, e apontar caminhos para a melhoria desse processo através

do uso de materiais de apoio pedagógico nos cursos do Ensino Médio Integrado, sobretudo, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá, além de oferecer subsídios para outras pesquisas voltadas para o processo ensino e aprendizagem.

1. CAPÍTULO I: A METODOLOGIA APLICADA E A EXPLORAÇÃO DA REALIDADE

O trabalho aqui apresentado é oriundo de um processo histórico de minha formação docente. Para maior compreensão desse processo, faço presente os motivos que me levaram a desenvolver esta pesquisa, que atrelados aos vários obstáculos que tive que enfrentar quando das mudanças ocorridas no contexto educacional ao qual estive inserida, foram de substancial importância para o meu crescimento profissional.

Durante toda a minha formação docente, que se iniciou no final da década de 80 no contexto da lei de Diretrizes e Bases da Educação 5.692/71 e, das tendências pedagógicas tradicionais e tecnicistas, dediquei meus estudos para o conhecimento sobre como se dá o processo pedagógico.

A priori tudo começou com a prática no Ensino Fundamental e, posteriormente, a partir da graduação em Bacharelado e Licenciatura em Geografia, seguido da especialização em Didática e Metodologia de Ensino Superior, aprofundei esses conhecimentos para compreender a relação ensino e aprendizagem nos Níveis Médio e Superior de Ensino.

Tive o privilégio de experienciar várias realidades educacionais devido ao fato de ter trabalhado tanto no sistema público quanto no sistema privado de ensino. Quando me formei no Ensino Médio como professora de 1ª a 4ª série do Fundamental, trabalhei com crianças do 3º Período de uma escola do Sistema S, e nesse período percebi que meu jeito de ser, de falar, e, também, as músicas que cantava, as brincadeiras que fazia dentro e fora da sala de aula, era mais significativo que os textos propriamente ditos que vinham nos livros didáticos, e por sua vez era obrigado concluir todo o livro. O uso do mesmo era de uma exigência da escola e, as outras estratégias de aprendizagem deveriam seguir religiosamente o livro didático.

A respeito dessa tendência pedagógica liberal Emanuelle Oliveira escreveu um artigo sobre “Tendências Pedagógicas” para a InfoEscola, onde a mesma relata que o ensino tradicional e tecnicista, respectivamente, são aqueles que:

- Tem como objetivo a transmissão dos padrões, normas e modelos dominantes. Os conteúdos escolares são separados da realidade social e da capacidade cognitiva dos alunos, sendo impostos como verdade absoluta em que apenas o professor tem razão. Sua metodologia é baseada na memorização, o que contribui para uma aprendizagem mecânica, passiva e repetitiva.
- Enfatiza a profissionalização e modela o indivíduo para integrá-lo ao modelo social vigente, tecnicista. Os conteúdos que ganham destaque são os objetivos e neutros. O professor administra os procedimentos didáticos, enquanto o aluno recebe as informações. O educador tem uma relação profissional e interpessoal com o aluno. (OLIVEIRA. Acesso em 2014)

De certa forma me sentia tolhida de continuar desenvolvendo uma prática pedagógica libertadora, que não se encaixava muito bem nas tendências acima citadas. Na década de 1980, alguns dos meus professores já tinham uma prática pedagógica que se baseava na reflexão crítica, no desenvolvimento autônomo do aluno e na relação de construção do conhecimento e não tão somente a reprodução e memorização do mesmo. Isto consistiu num fator que me impulsionou a optar por um processo pedagógico menos tradicional e menos tecnicista.

Na relação com meus alunos em sala de aula, aprendi que, era importante aliar teoria e prática para que as aulas se tornassem mais interessantes e os alunos, por sua vez teriam maior rendimento. E de fato, isso acontecia.

Mas, eu não tinha o conhecimento acadêmico para compreender as bases conceituais das disciplinas que ministrava. A escola se esvaziava de discussões a cerca das tendências

pedagógicas progressistas, fato que contribuía como barreira de aprimoramento pedagógico em sala de aula.

Tinha que explorar conteúdos de diversas disciplinas, sem ter formação o suficiente. Isso foi um dos erros da Lei 5.692/71, que não discorria da importância de se ter professores graduados para ministrarem aulas por disciplinas nas séries iniciais. Podemos encontrar essa realidade nos artigos 30 e 77 da referida Lei: Formação preferencial do professor para o ensino de 1º grau, da 1ª a 4ª série, em habilitação específica do 2º grau.

Dessa forma, podemos entender como se deu a formação de professores para lecionarem no 1º grau na década de 1980. As universidades, cumprindo as bases legais da educação, construíram um currículo que atendesse a essas necessidades. Portanto, eu fui alvo desse processo, e tanto pra mim quanto para os que se formaram nos cursos técnicos para professores, tivemos dificuldades de superar o pensar e o agir da pedagogia tradicional.

No caso do ensino de Geografia e História a problemática era bem relevante. Pois essas ciências não tinham claros seus objetos de estudos, uma vez que foram eliminadas pela criação dos Estudos Sociais.

Imaginamos então o nó que dava na cabeça dos professores de 1ª a 4ª série, quando iam ensinar história e geografia na versão Estudos Sociais. E mais tarde, na década de 90, já não se sabia mais o que era realmente o objeto de estudo da geografia. Na época, ouvia uma professora de história dizer que: “a história estuda os acontecimentos e a geografia é o cenário”. Essa explicação me acompanhou até a universidade. Acerca dessa discussão, PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE (2009. P.59) discorrem que:

Enquanto na universidade, na década de 70 do século XX, os debates se acirravam em decorrência da busca de novos paradigmas teóricos no âmbito do conhecimento em Geografia, a escola pública de primeiro e segundo graus, hoje ensino fundamental e médio, enfrentava um problema ocasionado pela Lei 5.692/71: a criação de Estudos Sociais com a eliminação gradativa da História e da Geografia da grande curricular.

Então, ao ingressar na Faculdade, no curso de Geografia, novos horizontes se abriam e tive a oportunidade de aprovar no concurso público da esfera estadual ensinando geografia para a 5ª a 8ª série. Aquele aprendizado de outrora, de aliar teoria e prática iria se fortalecendo, e, também, a prática pedagógica voltada para um ensino mais dinâmico, crítico e libertador se fortalecia.

Apesar das realidades educacionais distintas, sobretudo devido a aspectos socioeconômicos, na sala de aula os alunos demonstravam interesse pelo conteúdo uma vez que se buscava aliar o lúdico, as imagens, a arte, e o desenvolvimento de projeto com o livro didático.

Foi nesse momento da minha vida que enxerguei mais claramente a importância de professores das séries iniciais serem graduados, pois no caso da Geografia que é uma ciência social que busca compreender o espaço geográfico, é de suma importância que os docentes sejam alfabetizados geograficamente.

Por conta disso, escrevi uma dissertação como Trabalho de Conclusão de Curso voltada para o ensino da Geografia no século XX. A problematização se baseava na falta de interesse dos alunos pela disciplina. A respeito desse assunto Castrogiovanni (2000. P. 11) questiona dizendo que:

Por que a Geografia pode não ser tão interessante? Pesquisas comprovam que muitos dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia. As crianças chegam à quinta série do Ensino Fundamental (Terceiro Ciclo) sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal “alfabetização”.

Nessa trajetória, ingressei no final da década de 90 no Ensino Médio, propondo projetos interdisciplinares com o uso das novas tecnologias que estavam sendo aplicadas na época. Isso só foi possível de fato a partir de 1997, quando fiz um curso de Tecnologias Educacionais pela Instituição SEAMA/AP, e, também, quando os professores da escola em que trabalhava (EEPGAC) se abriram a discutir mais sobre metodologias em sala de aula.

Assim, surgiu motivada em trabalhar com novas tecnologias, escrevi para a escola um projeto interdisciplinar intitulado Problematizar e Aprender, que mais tarde, ao ingressar em 2011 no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP trouxe o referido projeto para implantar no Instituto, onde o mesmo passou a ser conhecido com o título de Problematizar e Aprender com Educação Ambiental.

Desde o final do século XX, já era bastante discutido e exigido pelos PCNS o trabalho pedagógico interdisciplinar, focando também temas transversais. A temática ambiental era, na época a que mais me interessava, uma vez que via nela a possibilidade de envolver várias disciplinas e atender aos objetivos dos Novos Parâmetros Curriculares, sobretudo o da Geografia.

Para dar maior sustentação em minha formação profissional fiz uma especialização na área da didática e psicopedagogia, pois precisava compreender melhor o contexto educacional que me inseria, as relações que se davam na escola, enfim, busquei respostas para as dificuldades que aos poucos se apresentavam.

Em 2002, no final da especialização tive condições de entender melhor os problemas de ordem metodológica e psicopedagógicas e, conseqüentemente, superar as dificuldades estabelecidas durante minha vida profissional, onde uma delas foi a indisciplina em sala de aula.

A relação professor e aluno em sala de aula é uma questão comportamental que pode ser explicada pelo o que se entende por lócus de controle externo e interno. Pessoas que buscam superar dificuldades enfrentando-as, não se conformando com o que está estabelecido e, não se deixando levar pelo comodismo são exemplos de indivíduos que apresentam lócus de controle interno. A respeito disso o professor doutor Dela Coleta (1982. p. 95) frisa que,

No que tange à cognição, dado que os sujeitos externos não percebem corretamente as contingências entre os comportamentos emitidos e as conseqüências advindas com os mesmos, eles têm menos informações sobre os eventos do que os sujeitos internos. Ao mesmo tempo eles as buscam com menor intensidade porque acreditam não precisar delas para agir, uma vez que a determinação dos eventos vem de fora mesmo, e nada adianta fazer para tanto.

Esses estudos voltados para a psicopedagogia me estimularam a compreender melhor a questão da avaliação da aprendizagem, ou seja, percebi que isto é um processo muito mais intrínseco e externo, muito embora estão diretamente relacionados. Mas, de certo, para o aluno aprender ele precisar por em prática o que teoricamente foi proposto, para isso é preciso despertar no mesmo um lócus de controle interno.

A partir desses estudos, dissertei sobre Avaliação da Aprendizagem na ótica da pedagogia libertadora e, de fato, os conhecimentos sobre educação escolar foram valiosos para que eu pudesse entender melhor sobre didática e metodologia de ensino e, sobretudo no que tange a relação professor e aluno na sala de aula e o processo da avaliação escolar.

Atualmente, pretendemos aprofundar conhecimentos sobre o processo ensino e aprendizagem em Geografia, destacando a Geografia do Amapá, numa ótica voltada para o Ensino Médio Integrado, onde minha meta é contribuir para com um ensino da geografia local mais significativo nos cursos oferecidos pelo IFAP.

Nesse contexto educacional, percebemos que se faz necessário construir estratégias de ensino que promova um maior conhecimento do espaço local, a partir das categorias de análise próprias da geografia, aliando às necessidades técnicas do curso oferecido. Foi então que pensei em defender a dissertação de mestrado intitulada de Reflexões Sobre as Necessidades Pedagógicas Em Geografia Do Amapá e o Livro Didático.

Como já expus anteriormente, em 2011, através de concurso público, passei a trabalhar no IFAP. Este IF é uma instituição nova no Amapá, foi criado com essa nomenclatura em 29 de dezembro de 2008, e vem ousando desenvolver vários cursos voltados para a indústria. Para tanto, precisamos explorar ao máximo, projetos de pesquisas que façam o aluno interagir com as empresas, com as realidades e necessidades locais, e consequentemente, relacioná-las ao curso de modo que possamos criar tecnologias que venham atender, sobretudo, a sociedade amapaense.

Durante os meus vinte anos em sala de aula, pude experimentar o árduo trabalho de desenvolver geografia do Amapá a partir das poucas fontes de pesquisas, que em sua totalidade não foram construídas para o Ensino Médio Integrado. No desejo de refletir sobre as necessidades pedagógicas em Geografia do Amapá e o livro didático, fazemos suscitar nessa pesquisa, que existem vários fatores que levam o ensino e a aprendizagem nessa escala geográfica local a certa crise, aliado a isso temos a questão da falta de livros didáticos que dificulta o trabalho pedagógico em sala de aula.

É importante esclarecermos que, o uso do livro didático é aqui entendido como um instrumento auxiliar da reflexão do professor e direito legal do aluno. Ainda que este traga consigo algo pronto e acabado, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009. P. 343) dizem que,

Apesar dessas críticas, dos limites que o livro didático impõe ao processo de ensino e aprendizagem e do crescente interesse econômico no mercado editorial, acreditamos ser preferível o aluno ter em mãos um livro de Geografia a não ter nenhum, principalmente por sabermos que, no que tange a milhares de famílias brasileiras, o livro não faz parte dos elementos culturais presentes em seus lares.

Para isso, se faz necessário, trabalhar o livro didático que a instituição dispõe como forma de garantir um direito que é do aluno. E, assim, percebo a situação desafiadora que norteia minha prática em sala de aula: que é trabalhar pedagogicamente a geografia local onde os livros didáticos não dão conta de abordar.

Essa problemática me impulsionou a buscar mecanismos de valorização de minha prática pedagógica a partir de um relevante conhecimento a cerca do contexto educacional do IFAP no Ensino Médio Integrado e do processo pedagógico em Geografia nesse nível de ensino.

Assim, diante dessa discussão propus uma pesquisa que daria suporte às reflexões concernentes ao tema proposto a esta dissertação. Tomamos, então, como ponto de partida a exploração da realidade, que se basearam no contexto da pesquisa, nos participantes da pesquisa, na obtenção da informação e análise de dos dados.

3.1. Contexto da Pesquisa

Dentro do contexto educacional, no que tange ao processo ensino e aprendizagem escolar de geografia do Amapá, buscamos desenvolver pesquisas que possam dar suporte à compreensão sobre o que e como se trabalhar em sala de aula essa disciplina.

Para tanto, desenvolvemos nos dois últimos capítulos análises e interpretações de dados sobre questões pedagógicas e a aplicação de nossa proposta metodológica no trecho que

foi de Macapá ao Laranjal do Jari, no sentido de dar conta da geografia local e contribuir com a produção de um acervo sobre o assunto.

Macapá é a capital do Estado do Amapá e está localizada na região sudeste do Estado, banhada pela margem esquerda rio Amazonas e é cortada pela linha do Equador. O município de Laranjal do Jarí localiza-se na região sudoeste do Estado, à margem esquerda do rio Jari, que separa o Estado do Amapá do Estado do Pará. O trecho em estudo foi de aproximadamente de 180 km, onde foram feitas quatro paradas para análise da vegetação, do solo, umidade atmosférica, observação quanto à infraestrutura da estrada, e das condições de moradia da população. Podemos encontrar essas informações no capítulo III desta dissertação.

Com uma área de 142.814,585 km² e uma população de 615.715 hab. (IBGE. 2006) o Estado do Amapá situa-se a nordeste da região Norte e tem como limites a Guiana Francesa a norte, o Oceano Atlântico a leste, o Pará a sul e oeste e o Suriname a noroeste. Com relação a questões ambientais e econômicas podemos dizer que,

É o estado brasileiro mais bem preservado, mantendo intacta quase a totalidade da floresta Amazônica, que cobre 90% de seu território. O estado possui uma população urbana de 89%, ficando atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

A economia do Amapá possui pouca participação no PIB nacional e se concentra basicamente na extração da castanha-do-pará, de madeira e na mineração de manganês. O estado é um dos maiores compradores dos produtos do Pará, estado ao qual é muito ligado. Macapá e o Amapá consomem produtos alimentícios e de outros gêneros principalmente da região do Marajó (Pará). (SÓGEOGRAFIA. Acesso em 2013)

Acreditamos que é processualmente que professores e alunos podem compreender a geografia do Amapá a partir da realização de projetos pedagógicos que proporcionem atividades de pesquisas e de visitação in lócus. Assim, desenvolvemos nossos estudos, ressaltando a nossa necessidade de investigação a partir do ponto vista da pesquisa social e da História Oral, onde a relação entre memória e história e a formação do processo de ensino e aprendizagem de geografia se dão.

A partir de um processo exploratório e histórico, desenvolvemos uma metodologia que permitiu a esse trabalho maior aprofundamento quanto aos acervos orais e a pesquisa bibliográfica, e, assim, ficou clara a abordagem da temática aqui trabalhada, no que tange a problematização e comprovação das hipóteses.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário coletar informações sobre a visão dos professores e alunos a cerca do processo pedagógico de geografia, sobretudo a geografia do Amapá. Mais precisamente, buscou-se saber sobre as necessidades pedagógicas que os mesmos sentem, e até que ponto o livro didático de geografia do Amapá pode e tem contribuído.

Por conta disso, durante as leituras e atividades do PPGEA, sentimos a necessidade de desenvolver uma experiência que nos levasse a vivenciar o que propomos nesta pesquisa, através de um projeto interdisciplinar, cujo o foco foi uma pesquisa no município de Laranjal do Jarí, onde o tema foi escolhido pela turma de alunos que participaram do trabalho.

Embasados nas orientações metodológicas de Ferreira e Amado (2006), procuramos manter a prática do ouvir mais e falar de menos. Durante as entrevistas e aplicação de questionários, tivemos a preocupação de deixar os entrevistados bem à vontade, sobretudo durante as entrevistas, onde foram realizadas em dois momentos. Em primeiro foi estabelecido um diálogo, e em outro encontro foram feitas gravações, anotações e confirmações de dados. Foi preciso estabelecer uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistados, pois segundo Ferreira e Amado (2006. p. 234):

Essa relação de confiança exige do entrevistador uma grande disponibilidade e, portanto parece indispensável ter um primeiro encontro com a testemunha, preparar o esquema da entrevista e voltar alguns dias depois para gravar.

Os referenciais teóricos que embasaram a metodologia de pesquisa deste projeto e que permitiram explorar a realidade estudada consistiram em vários autores, mas, especificamente em Minayo (2007), Carvalho (1989), Verena Alberti (2005), Ferreira e Amado (2006) e, se deu através de: Entrevistas, imagens (gráficos, tabelas, fotografias) e análise bibliográfica. Os referidos recursos metodológicos foram escolhidos porque acreditamos que os mesmos podem ampliar o conhecimento do objeto de estudo da pesquisa, recursos esses que deram maior sustentação nas argumentações. Os sujeitos da pesquisa, não se resumem a apenas um grupo selecionado, mas grupos de realidades educacionais diferenciadas. Isso faz com que nós pesquisadores, não caiamos no erro de voltar-nos a apenas a nossa visão sobre o objeto de estudo.

Essa característica de pesquisa é de grande relevância para que se possa dar maior significado ao objeto estudado. Minayo (2007. P. 13) reforça essa questão dizendo que:

...é importante dizer que o objeto de estudo das ciências sociais possui *consciência histórica*. Noutras palavras, não é apenas o investigador que tem capacidade de dar sentido ao seu trabalho intelectual. Todos os seres humanos, em geral.

Por isso, durante todo o processo, nossa fundamentação teórica privilegiou os acervos orais e escritos, onde tendo um caráter exploratório, se busca realmente explicar se a produção bibliográfica de geografia do Amapá utilizada no IFAP, Câmpus Macapá, e na Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café aborda questões específicas e próprias desse estado de maneira regionalizada num contexto sociocultural e atende as necessidades pedagógicas de professores e alunos?

Diante dessa questão, sentimos a necessidade de fazermos uma análise comparativa das referidas escolas, para dar maior consistência nas informações obtidas a respeito das necessidades pedagógicas de professores e alunos, pois como já comentamos, precisamos ouvir os sujeitos da pesquisa, e, por conseguinte obtivemos resultados mais reais do objeto estudado.

Portanto, nossas pesquisas enfocaram o contexto educacional voltado ao Ensino Médio Integrado, a partir da disciplina Geografia numa abordagem local (O Amapá) e a reflexão sobre as necessidades pedagógicas e o livro didático. Durante esse processo, foram escolhidos os sujeitos da pesquisa e os recursos metodológicos que, na nossa avaliação mais se adequaram a realização desse trabalho.

3.2. Participantes da Pesquisa

Participaram dessa pesquisa três professores de instituições de ensino público, sendo dois da esfera estadual e um da federal. Os professores A¹, B² e C³ expõem em entrevistas suas insatisfações a cerca dos materiais didáticos disponíveis para ministrarem aulas de Geografia do Amapá.¹

Dessa forma, foram confirmadas as hipóteses levantadas pela problemática abordada, ou seja, a existência de certo descontentamento de professores e alunos, a cerca da insuficiente produção bibliográfica em geografia do Amapá para o Ensino Médio Profissionalizante.

Como alternativa de solução do referido problema, foi proposto uma reflexão a cerca da temática aqui levantada e a experiência pedagógica que tivemos ao desenvolvermos o projeto interdisciplinar “De Macapá ao Laranjal do Jari: duas realidades do cenário Amapaense” onde produzimos uma pesquisa a cerca das características específicas e próprias desse recorte amapaense. Esta experiência levou-nos a uma práxis pedagógica mais significativa, consistente e peculiar para esse nível de ensino.

Considerando a pesquisa um processo dialético, foram valorizados vários elementos que viessem comprovar ou não as hipóteses levantadas, tais como as entrevistas, os questionários, as imagens e as experiências em sala de aula. A partir do uso da história oral e a pesquisa qualitativa, busca-se uma abordagem contextualizada sobre a questão educacional aqui abordada, ou seja, os aspectos sociais, políticos e econômicos foram inseridos à análise da temática levantada.

Dessa forma a metodologia de pesquisa é aqui entendida, como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, pensamos a realidade, investigamo-la para que possamos compreendê-la com mais clareza, a partir dos recursos metodológicos disponíveis. Por isso, Minayo (2007: P. 14 e 15) esclarece que,

...a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)...a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

1

Sem pretensões de tornar o trabalho complexo, sentimos a necessidade de uma análise fenomenológica. Compreendemos que por se tratar de uma pesquisa qualitativa, desejamos trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Tudo isso entendemos como parte da realidade social, à medida que se pretende fazer perceber que, a partir de um bom material pedagógico e de uma práxis pedagógica libertadora, se reflita sobre um ensino de geografia que desperte para o espaço geográfico local em conexão com as demais escalas geográficas.

Assim, seguimos os seguintes passos: A fase exploratória, onde o objeto de estudo é a relação entre o ensino e a aprendizagem de geografia do Amapá e a produção bibliográfica no Ensino Médio Integrado, e durante o processo de investigação foram feitas entrevistas abertas e fechadas com professores e alunos, levantamento de material documental (livros antigos do final do século XX aos dias atuais, que nos proporcionou maior entendimento da evolução do pensamento geográfico e a transposição didática para o livro didático). Em seguida, Pesquisamos in lócus como forma de atualização das informações e maior aproximação do real como suporte técnico de abordagem dos aspectos físicos e humanos da geografia do Amapá, onde foi destacado o município de Laranjal do Jari (sul do Amapá).

O resultado final das pesquisas serve como contribuição para o construto de um processo pedagógico de geografia com qualidade, significativo e interdisciplinar e que parta dos anseios educacionais de professores.

3.3. Coleta de Dados.

¹ De acordo com a metodologia de citações e conforme orientação do Conselho de Ética, os sujeitos da pesquisa foram nomeados da seguinte forma: Professores A¹, B² e C³; Aluno 1^o; Equipes de trabalho 1, 2, 3, 4 e 5.

Os dados foram coletados criteriosamente, onde as categorias de análises surgiram a partir das respostas dos alunos e professores instigadas pelas perguntas das entrevistas e questionários. Criamos um acervo de imagens quando desenvolvemos as pesquisas sobre a geografia do trecho que se estende de Macapá ao Laranjal do Jari. Todos os dados, o uso dos questionários, entrevistas e documentos são comentados nos capítulos I e II, muito embora existam algumas categorias surgidas na aplicação dos questionários que por não terem tido um grande percentual não aparecem nos gráficos, mas são comentadas no tópico a seguir.

3.3.1- Questionários.

Com análise do subsídio teórico acessado no site www.inf.ufsc.br, em 2013, e os referências metodológicos escolhidos, foi facilitado a construção dos questionários para essa pesquisa. Segundo leitura no referido site “Um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se verificar se os objetivos de um projeto foram atingidos”.

Contudo, a verificação dos dados não foram trabalhados num sentido de si mesmos, mas foram considerados como recursos metodológicos capazes de aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo. Durante a pesquisa, dispusemos de tempo para ir e vir, num processo dialógico de interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Os questionários construídos seguiram uma sequência lógica de perguntas, cujo objetivo foi de levantar dados sobre a problemática levantada. Durante o processo de elaboração seguimos os seguintes passos: Evidenciamos os objetivos da pesquisa, definimos o assunto, obtivemos informações adicionais sobre o assunto a partir de fontes de dados secundários e pesquisa exploratória e determinamos o que iria ser perguntado sobre o assunto.

Quanto à forma, determinamos o conteúdo de cada pergunta, cujo o formato se caracterizou em: a) perguntas abertas, onde os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas; b) dicotômicas, onde são apresentadas apenas duas opções de respostas, de caráter bipolar.

A respeito da elaboração das perguntas determinamos que as mesmas seriam de uma linguagem simples para que as questões pudessem ser de fácil compreensão, adequados aos conhecimentos e habilidades do nível de ensino dos sujeitos da pesquisa, e disposição dos respondentes.

Sequenciamos as questões em uma ordem adequada, agrupando-as para se obter um único questionário. No sentido de corrigirmos alguns possíveis problemas, lemos o questionário inteiro para verificar se fazia sentido, e se conseguiríamos mensurar, o que estava previsto para ser mensurado.

Como em toda pesquisa dificilmente se encontra cem por cento de indivíduos que comungam da mesma ideia. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, acreditamos que é importante também expor algumas variáveis que, mesmo tendo pouco destaque quantitativo é parte integrante do objeto de estudo. Além disso, observamos que alguns elementos que hipoteticamente pensamos em enxergar nos resultados, não apareceram.

De acordo com o disposto, observamos que dos trinta alunos do IFAP, quatro não usam o livro didático. Através de uma conversa que tivemos com esses alunos, obtivemos como respostas que os mesmos não os utilizam por vários motivos, tais como: o peso na mochila, esquecimento, o professor pouco trabalha com o livro didático. Por outro lado obtivemos uma resposta quanto às formas de uso do livro didático que nos pareceu muito relevante. Um aluno do referido instituto disse que o livro didático lhe faz “olhar diferente a geografia do cotidiano”.

Ao ler esse depoimento, fomos levados a refletir que esse aluno consegue enxergar muito bem a importância da geografia para a vida, sobretudo nas relações sociais. É claro que não é nossa intenção desmerecer os outros, pois acreditamos que todos são capazes de perceber essa importância, mas observamos no aluno citado que o mesmo demonstrou maior proximidade para com esse olhar geográfico.

Nesta mesma turma apenas um aluno lembrou que precisa se preparar para o vestibular, fato este que nos leva a crer que o referido concurso é algo que está nas perspectivas futuras dos alunos, mas não com tanta intensidade. Atualmente, em vez de vestibular, agora temos o ENEM, e acreditamos que não vimos muitos comentários sobre esse concurso uma vez que foi excluída da grade curricular a geografia do Amapá. Por isso, não é possível atribuir essa necessidade de aprovação no ENEM quando o enfoque da pesquisa é a geografia local.

Um ponto interessante foi a variável usar o livro didático para estudar para casa. Apenas os alunos da EEPAC externaram essa necessidade, porém em quantidade bem pequena (dois). O que percebemos é que a maioria dos alunos não tem o hábito da leitura. Segundo um diálogo que tivemos na referida escola, os discentes explicavam que preferem estudar pelo o que anotam no caderno, pelos slides do professor e pelos exercícios. Retomamos a questão do pouco gosto pela leitura, no capítulo II onde sentimos a necessidade de explorar um pouco os motivos que levam os jovens a não terem esse hábito.

3.3.2- Análise das entrevistas e documentos

Partimos do princípio de que as variáveis da pesquisa devem advir do próprio sujeito e não do pesquisador. Nossa metodologia busca enriquecer as informações oriundas tanto dos questionários como das entrevistas. Com o uso de perguntas simples, bem elaboradas, os entrevistados puderam se sentir a vontade para respondê-las. Pois, entendemos que é a partir do outro que podemos conhecer mais aprofundadamente nosso objeto de estudo. Alberti (2005, p. 82) escreve sobre essa questão dizendo que:

Ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o tema não significa passar a saber tudo a seu respeito, mesmo porque, se isso fosse possível, não haveria sequer necessidade de prosseguir com a pesquisa e procurar conhecer ainda mais através das entrevistas.

Mesmo que não seja complexo se ter total conhecimento sobre o que se pesquisa, se fez necessário buscar ao máximo possível de conhecimento a cerca da compreensão de nosso objeto de estudo. Ou seja, entendemos que isso é de grande relevância para a produção dos documentos orais, desde a construção do roteiro até a efetivação da entrevista. A respeito dessa questão Alberti (2005, p. 82) comenta que, “É conhecendo amplamente o tema que o pesquisador pode otimizar seu desempenho e imprimir à produção dos documentos de história oral um alto grau de qualidade”.

Quando nos referimos aos entrevistados tomamos o cuidado da preservação de suas identidades, tal como orienta o Conselho de Ética. Assim, professores e alunos são nomeados por letras e números. A partir das informações contidas na obra de Minayo (2007, p. 64) nossas entrevistas são semi-estruturadas, onde se combinam perguntas fechadas e abertas, e, também, nos preocupamos em deixar o entrevistado falar livremente.

Foi através da obtenção de informações secundárias e primárias que buscamos aprofundar conhecimentos sobre o objeto de estudo, e a confirmação das hipóteses levantadas, bem como o surgimento de elementos novos. Em vários momentos, precisamos buscar dados estatísticos a partir da pesquisa bibliográfica sobre a questão do processo pedagógico em

Geografia do Amapá e o livro didático. Também, foi construído um acervo oral por parte dos alunos participantes da pesquisa cujo teor são os dados levantados numa atividade de campo explorada pela realização de um projeto interdisciplinar.

Além disso, as informações coletadas a partir da interação dialógica com os entrevistados foram de grande relevância para tornar esse trabalho mais significativo. Teorizamos essa informação a partir do que Minayo (2007, p.65) explica sobre essa questão quando a mesma diz que,

A entrevista como fonte de informação pode nos fornecer dados secundários e primários de duas naturezas: a) Primeiro - obtenção de dados por outras fontes como censo, estatísticas, registros civis, documentos, atestados de óbito entre outros; b) Segundo- informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia.

Portanto, a todo o momento, buscamos nos aproximar da compreensão da realidade estudada associando os dados empíricos às informações fornecidas em nossos referenciais teóricos. Num processo dialético, evidenciamos nossas perspectivas de contribuir cientificamente para com as pesquisas no campo da educação que se dá dentro do processo ensino e aprendizagem, no tocante à disciplina geografia, que imersa em uma crise curricular e de pouco material de apoio, percebemos através das entrevistas que é possível atender as necessidades pedagógicas de docentes e discentes a partir de práticas pedagógicas criativas, interdisciplinar, contextualizada e regionalizada, e, sobretudo, apoiada pelo gestão escolar.

3.4. Obtenção da Informação e Análise dos Dados

As informações obtidas e a análise dos dados dessa pesquisa foram entendidos como um estudo qualitativo, ou seja, levamos em consideração que em um grupo social existem opiniões homogêneas e divergentes. Entendemos que essa característica é própria da pesquisa científica e que, por isso, é enriquecedora e ampliadora de conhecimento. Minayo (2007, p. 800) acerca dessa questão escreve que,

Assim, ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social.

Durante os vários momentos que se sucederam junto aos sujeitos da pesquisas, vivenciamos esse processo dialético, pois assim como havia alunos que concordavam que o uso do livro didático é necessário para a aprendizagem, um outro grupo menor discordava. Um outro exemplo desse momento dicotômico foi a respeito da importância da leitura do livro didático como instrumento de aprendizagem.

Durante os capítulos que se seguem foram feitas as análises cabíveis dos gráficos e tabelas tendo como sustentação a partir dos referenciais metodológicos as seguintes preocupações: Não somente descrever dados, mas analisá-los e interpretá-los. A cerca da conceituação de analisar e interpretar dados, Minayo (2007, p. 80) diz que,

...na análise propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando uma relação entre as partes que foram decompostas e, por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise a após a descrição – buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito ou analisado.

Quando Chegamos ao final de nossas investigações, ancorados em nossos referenciais teóricos que deram sustentação as informações empíricas, entendemos que devido ser intrínseco à ciência a obtenção de dados novos, buscamos em várias fontes de pesquisas subsídios teóricos que nos ajudaram a entender o novo que se revelou nesse processo.

Em síntese, por orientação metodológica, a obtenção e análise dos dados dessa pesquisa, se deram a partir da decomposição do material analisado em partes; da distribuição das partes em categorias; da descrição dos resultados da categorização; da inferência dos resultados e da interpretação dos resultados obtidos com o auxílio da fundamentação teórica.

Assim, no capítulo a seguir expomos nossa primeira experiência com o objeto de estudo deste trabalho. Falamos a respeito da abordagem teórica e metodológica dos livros didáticos de geografia, tanto numa escala nacional quanto local e a visão dos professores e alunos a respeito do material de apoio pedagógico utilizado em sala de aula. Para tanto, ampliamos nossa visão sobre o objeto estudado a partir dos vários recursos metodológicos aqui citados, aplicados em duas escolas: uma da rede Estadual de ensino e outra da rede Federal de Ensino.

2. CAPÍTULO II- ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO AMAPÁ E AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS NO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.

Ao se pensar na relação abordagem teórico-metodológica e necessidades pedagógicas é importante suscitar alguns pontos que ajudarão a aprofundarmos a temática proposta, tais como: A abordagem teórico-metodológica em geografia; Os livros didáticos adotados pelos professores do IFAP, Câmpus Macapá e da Escola Estadual professor Gabriel Almeida Café: Comparações entre as necessidades pedagógicas de professores e alunos ao que o livro didático de geografia do Amapá apresenta; A abordagem do espaço agrário amapaense no livro didático de geografia do Amapá no Terceiro ano do Ensino Médio Integrado como questão específica e própria desse estado.

2.1. A Abordagem Teórico-Metodológica em Geografia

A respeito desse tópico serão ressaltados alguns conceitos que contribuirão para o início da reflexão objetivada por esse trabalho. Segundo MATIAS (2008. P.176) abordagem teórico metodológica em Geografia são enfoques metodológicos, que “no ensino de geografia é um conjunto de meios para produzir o conhecimento geográfico”. O mesmo diz que são Estratégias adotadas no processo de ensino e aprendizagem.

As propostas teóricas metodológicas adequadas podem viabilizar resultados mais satisfatórios na produção do conhecimento geográfico. As principais propostas são as de:

Fundamentação positivista: Fundamento lógico e racional aplicado ao ensino... **Fundamentação crítica:** ...baseado no materialismo histórico que permite ao aluno e aluna organizar o pensamento, desenvolver a criticidade para a transformação social,... **Fundamentação fenomenológica:** Fundamento baseado na aparência e essência dos objetos para entender configurações espaciais através das percepções. **Fundamentação Humanista:** Procura um ensino de geografia que leve em conta uma concepção espacial (dimensão histórica, dimensão simbólica, associada aos sentimentos e ideias). (MATIAS. 2008. P.176)

Como podemos perceber, as abordagens teóricas metodológicas em Geografia são variadas e na sua peculiar diversificação cabe a escolha do método que irá permear a práxis pedagógica. Diante dessa questão, observamos que a maioria dos autores de livros didáticos utiliza essa diversidade metodológica não isoladamente, mas as utiliza quase que simultaneamente, muito embora em alguns se perceba a tendência metodológica em algumas abordagens geográficas, para explicar os diversos eventos geográficos.

Por exemplo, na coleção Geografia para o Ensino Médio de Demétrio Magnoli percebemos que o autor se preocupa em atender a seguinte necessidade: “uma geografia sem drama e sem doutrinação”. Como um dos referenciais teóricos, são citados os geógrafos franceses Jean Dresch e Yves Lacoste. O primeiro é referência para abordagens de uma geografia cujo “seus fragmentos jorram cotidianamente no fluxo incessante da mídia globalizada” (MAGNOLI. 2010. P. 3). Observa-se aí que é inegável a existência de várias abordagens metodológicas da geografia, pois se trata dos estudos sobre temperatura, clima, a mutação paisagística dos espaços agrícolas e dos domínios florestais, redes de transporte que,

segundo o autor evidenciam as formas de apropriação humana das regiões e dos países.

Assim, a analogia das áreas ou regiões a partir de uma análise crítica sobre o uso e apropriação das mesmas pode ser entendida não tão somente por um método, mas por vários, sendo que um desses métodos irá se sobressair conforme a práxis pedagógica do professor.

Quando Magnoli (2010) cita Yves Lacoste o mesmo elucida a necessidade de o professor buscar recursos pedagógicos, com a ajuda do uso do livro didático, que possam fazer com que o aluno entenda o jogo de poder que existe no mundo em busca da dominação territorial. De certo, não cabe em nem um caso um estudo apenas pragmático, ou materialista ou tão somente humanista, mas se faz necessário uma reflexão ampla a cerca das realidades que envolvem as várias escalas geográficas.

Outro exemplo é a obra de Lucci, Branco e Mendonça intitulada de Geografia Geral e do Brasil para o Ensino Médio, lançada em 2005. Em sua apresentação os autores iniciam com um texto cujo título é “Um olhar sobre o mundo”, onde é externada a necessidade pedagógica de se trabalhar numa visão holística, ou seja, Libâneo (2005) elabora a teoria das correntes pedagógicas contemporâneas, e nesse universo teórico encontramos a teoria da complexidade, onde é enfocada a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Por ser uma exigência dos PCNS e do próprio ENEM essa tendência pedagógica vem sendo difundida mais largamente no século XXI, mas desde 1991 o pensador francês Edgar Morin já vinha propagando a ideia de uma abordagem do pensamento complexo e, o físico teórico, romeno Basarab Nicolescu (1999) discorria sobre a teoria da transdisciplinaridade. É possível enxergar a teoria da complexidade e da transdisciplinaridade quando Lucci, Branco e Mendonça (2005. P.3) se preocupam em abordar que:

A economia, a sociedade e a natureza são tratadas aqui como partes integrantes de um mesmo e diversificado processo, que envolve: desenvolvimento tecnológico; globalização econômica e cultural; problemas ambientais que ameaçam todo o planeta; e redes mundiais de informações, que comandam produção e investimento e têm impactos sociais diferentes, dependendo do nível de desenvolvimento de cada país.

Logo, podemos perceber que os autores apreendem o ensino da Geografia a partir da relação existente entre os fatores sociais, políticos, econômicos e ambientais nas várias disciplinas ministradas no Ensino Médio Integrado. Sendo assim, as ciências uma vez interligadas num processo pedagógico fazem do mesmo um momento privilegiado de crescimento intelectual e humano, onde Libâneo, apud Santos e Sommerman, 2009, sistematizam com bastante propriedade, de modo classificatório as correntes pedagógicas contemporâneas.

Tais correntes são difundidas dentro das escolas e discutidas em larga escala nas universidades. Mesmo estando às mesmas em fase de estruturação, muitos são os adeptos por esse segmento pedagógico. Santos e Sommerman (2009. pp. 15-16) falam desse assunto dizendo que,

Como uma teoria pedagógica, a complexidade e a transdisciplinaridade encontram-se ainda na fase de construção, no entanto, já se nota um grande número de educadores que recorrem a seus conceitos, como também se observam núcleos de docentes pesquisadores nas universidades começando a se organizar a níveis local e nacional.

Assim, cremos que o uso das diversas abordagens teórico-metodológicas da geografia enriquecem o processo pedagógico. Percebemos a importância de apreender o espaço a partir de analogias, observações (positivismo), análise crítica sobre as transformações sociais

(materialismo histórico), da percepção espacial sobre as aparências e essências paisagísticas (fenomenologia) e a análise do espaço geográfico a partir dos valores atribuídos às representações e identidades que o configuram. E, também, porque não ousar uma práxis pedagógica a partir das novas correntes contemporâneas como a holística, segundo a classificação de Libâneo (2005)?

Saindo da discussão pretenciosa dos geógrafos que se fundamentavam que a geografia era uma ciência de síntese, os autores atuais entendem que seja qual for a metodologia aplicada, esta deve partir da própria geografia. Deve estar fundamentada nas suas categorias de análise do espaço geográfico. E por não ser ela uma ciência de síntese, o referido espaço deve ser estudado sob o olhar geográfico em conexão com as demais ciências. Para que isso aconteça se faz necessário sairmos da multidisciplinaridade e desenvolvermos a interdisciplinaridade. Santos (2008. P. 133) explica que,

Quando se fala em multidisciplinaridade se está dizendo que o estudo de um fenômeno supõe uma colaboração multilateral de diversas disciplinas, mas isso não é por si mesmo uma garantia de integração entre elas, o que somente seria atingível através da interdisciplinaridade, isto é, por meio de uma imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objetivo de estudo”.

Acreditamos que compreender o espaço geográfico de forma interdisciplinar é estar disposto a buscar na diversidade científica explicações para a (re) construção do mesmo. É nessa diversidade filosófica das ciências que percebemos um enriquecimento das disciplinas escolares, sobretudo da geografia, que por conta dos pressupostos antagônicos que precedem desde Kant (1802), Vidal de Lablache (, Durkheim , a respeito da interdisciplinaridade, de fato Santos (2008, p. 13) sinaliza que,

A noção de interdisciplinaridade evoluiu com o progresso científico e o progresso econômico. E as novas realidades, exigindo uma explicação particular, exigem o aparecimento de novas disciplinas científicas... Nas condições novas, aumenta a possibilidade de ajudar as ciências afins a progredir de fora para dentro com a contribuição de matérias vizinhas.

Também, Eustárquio de Sene e João Carlos Moreira, em sua obra Geografia Geral e do Brasil Espaço geográfico e Globalização lançada em 2010 e José William Vesentini onde escreveu Geografia: mundo em transição em 2010, expressam a preocupação de se desenvolver uma metodologia mais significativa, menos conteudista (porém, observamos que o conteúdo não é abandonado). No caso dos primeiros, é externado a necessidade de se entender o mundo em que vivemos a partir do uso de novas tecnologias e diferentes linguagens, incluindo àquelas que são cotidianas aos alunos. A respeito dessa questão Sene e Moreira (2010. P. 2.3) falam aos professores e alunos respectivamente:

Nesse sentido, esta Assessoria Pedagógica tem o objetivo de oferecer-lhe sugestões e subsídios para o seu trabalho cotidiano. Fica a seu critério selecionar e articular os que são mais adequados às possibilidades e metas de seu curso. Ao longo do livro do aluno, fizemos várias sugestões de filmes, todos com uma pequena sinopse, que podem enriquecer a discussão dos temas abordados; oferecemos, também indicações de sites que permitem aprofundar o assunto tratado. A utilização de outros recursos didáticos – vídeos, CD-ROMS, internet, jornais e revistas, atlas, maquetes, viagens de estudo do meio, observação da paisagem – sempre estimula os alunos e favorece o aprendizado.

Nesse processo de inserção às novas tendências pedagógicas, os geógrafos contemporâneos valorizam o ensino da geografia com pressupostos teóricos difundidos pelo psicólogo norte-americano Howard Gardner, que aborda a teoria das inteligências múltiplas, e recentemente no Brasil podemos citar o relevante trabalho do educador e geógrafo Celso Antunes. Dentro dessa concepção pedagógica, Vesentini (2010. p. 3), a partir de uma abordagem teórico-metodológica da geografia crítica diz que:

Evitando polêmicas teórico-metodológicas, podemos dizer que há um caminhar no sentido de uma educação orientada para desenvolver nos educandos determinadas competências, habilidades e inteligências múltiplas; uma transição da escola conteudista para uma escola de competências. Isso não significa que os conteúdos foram abolidos, mas sim que eles devem servir de instrumentos para reflexão, com trabalhos em equipe e estudos do meio (básicos para desenvolver a sociabilidade, quebrar preconceitos e interligar teoria e prática), pesquisas extraclasse em bibliotecas, na internet, em jornais ou revistas, filmes, etc. – Atividades que demandam dedução, indução, extrapolação, (re) construção e aplicação de conceitos.

Assim, é perceptível que a Geografia do século XXI sofreu e continua sofrendo mudanças teórico-metodológicas, à medida que as necessidades pedagógicas também mudam. Aliado a isso também existem outros fatores responsáveis por essa metamorfose que estão diretamente ligados à transição da geografia tradicional para “A New Geography”, a partir do Pós Segunda Guerra Mundial. Santos (2008, p.59) aborda essa questão escrevendo que,

A Geografia não podia escapar às enormes transformações ocorridas em todos os domínios científicos, após a Segunda Guerra Mundial. No que toca às ciências humanas, tratava-se muito mais de uma revolução que mesmo de uma evolução. Para isso, contribuíram três razões especiais: em primeiro lugar, os próprios suportes do trabalho científico progrediram muito; em segundo lugar, as necessidades dos utilizadores mudaram; e, finalmente, o objeto da atividade científica se modificou.

Ao fazermos um paralelo às colocações dos autores acima citados, percebemos que os mesmos brindam com Milton Santos no que tange a esse processo de mudança, pois este deu sustentação teórico-metodológica a Geografia do final do século XX para o XXI. Tais mudanças do pensamento geográfico se faz perceptível nas falas dos autores e na abordagem dos livros didáticos quando são tratados os seguintes temas: cartografia e tecnologia; agricultura, natureza e tecnologia; meio técnico-científico-informacional; espaço, produção e tecnologia etc.

As mudanças ocorridas nos métodos científicos causam uma aproximação do pesquisador com a realidade, um exemplo disso é o progresso da automação que permite uma definição mais exata das realidades. Na geografia os programas de georeferenciamento e a evolução da cartografia permite hoje maior confiabilidade na representação e conhecimento espacial. Segundo Milton Santos (2008. P. 60) “Um tal conjunto de circunstâncias levou a atividade científica buscar direções alternativas e a geografia não escapou à tendência.” A partir da década de 50 esse processo de revolução no ensino da geografia vai começar, segundo SANTOS (2008. P.60) a partir do que,

se ouvia frequentemente em uma “nova geografia” (New Geography) que se queria caracterizar por ser não apenas diferente, mas também em oposição e até mesmo em contradição com a geografia “tradicional”.

William Vesentini (1996), desenvolve em sua tese Geografia Crítica, a análise dessas transformações metodológicas da ciência, enfocando a necessidade do ensino da geografia acompanhar tais mudanças. SANTOS (2008. P.61) explica essa nova visão pedagógica pela busca em alinhar-se naquilo que se chamava de “novos paradigmas” apoiando-se sobre métodos novos.

Nesse contexto, é fato de grande relevância a expansão do conhecimento geográfico além fronteiras nacionais. Com o advento das comunicações e transporte, ou seja, da revolução tecnocientífica e informacional, foi inevitável o não conhecimento dos espaços internacionais. As redes de intercâmbio político e econômico se intensificam, situação que leva o processo pedagógico a utilizar novas linguagens, onde as mesmas passam a ser mais acessíveis e não tão técnicas como era no ensino tradicional de geografia.

Portanto, apesar de que nas décadas de 50 a 60 havia uma crise entre os métodos tradicionais, pautados no regionalismo francês, foi no final do século XX que essa crise se intensificou. Sabendo dessas mudanças, vários autores buscavam melhorar a produção de livros didáticos de geografia, sobretudo no final do século XX.

Alguns pesquisadores amapaenses desenvolveram trabalhos a cerca da história e do espaço geográfico local no final do referido século. Mas, apesar de serem relevantes contribuições, os resultados levantados nessa pesquisa revelam que professores e alunos do Ensino técnico Integrado não estão satisfeitos com o acervo que se tem sobre geografia do Amapá. Contudo, trataremos dessa questão no próximo tópico desse trabalho, destacando os dados levantados durante a fase exploratória dessa pesquisa, por meio de gráficos e entrevistas realizadas com professores e alunos.

2.2. Comparações entre as Necessidades Pedagógicas de Professores e Alunos ao que o Livro didático de Geografia do Amapá Apresenta.

A partir da década de 1990, as perspectivas de novas práticas pedagógicas para os professores de Geografia no Ensino Médio se sustentaram nas propostas dos PCN'S. A transição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (da 5.692/71 para 9.394/96) constituiu uma exigência para uma nova práxis pedagógica, muito embora, do ponto de vista das políticas educacionais, não bastava apenas mudanças no campo pedagógico, mas também nas administrações públicas e privadas de ensino (sobretudo as públicas). Mesmo que essa temática não seja foco deste trabalho é de grande relevância a reflexão sobre a execução das políticas públicas para a educação.

Para desenvolver a questão proposta nesse tópico trouxemos os PCN's de Geografia para o Ensino Médio, no intuito de comparar as necessidades pedagógicas de professores e alunos ao que o livro didático de geografia do Amapá apresenta. Portanto, vamos suscitar um dos primeiros questionamentos dos referidos parâmetros curriculares: O que e Como ensinar geografia?

Temos em primeiro lugar uma pergunta que envolve os conteúdos e outra de caráter metodológico. Vejamos então qual a proposta dos PCN's: Primeiro se trabalhar os conceitos-chaves, a saber: Paisagem, lugar, território e territorialidade, escala e globalização, técnicas e redes. Em segundo desenvolver metodologias que desperte no aluno o desejo de interagir no espaço que vive conscientemente. A fundamentação teórica metodológica se baseia na proposta de uma geografia crítica, que entende o espaço geográfico,

definido por Milton Santos, como um conjunto indissociável de sistemas de objetos (redes técnicas, prédios, ruas) e de sistemas de ações (organização do

trabalho, produção, circulação, consumo de mercadorias, relações familiares e cotidianas), que procura revelar as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, lutam, sonham, vivem e fazem a vida caminhar”. (PCN’s.1999, p. 310)

A respeito dessa abordagem que faz os PCN’s, destacamos a visão sobre os conceitos chaves da geografia, pois os mesmos são referências para se analisar os livros didáticos e, foi partir dos mesmos que fizemos o estudo da abordagem teórico-metodológica dos livros didáticos de geografia do Amapá usados pelos professores da EEGAC e do IFAP.

Durante a análise das referidas bibliografias questionamos sobre: o que se aborda quanto aos sistemas de objetos e de ações que revelam as práticas sociais dos diferentes grupos amapaenses? Mais a frente, falamos dessa questão uma vez que acreditamos que é através dessa abordagem que se constrói um caminho significativo de aprendizagem próprio da Geografia.

Os conceitos chaves da ciência geográfica devem levar à reflexão do seu objeto de estudo como espaço relacional, onde “um objeto existe na medida em que ele contém e representa dentro de si relações com outros objetos” (PCN’S. 1999. P. 310). Entendemos que a dimensão interdisciplinar acima proposta se volta para um estudo da interação sujeito-objeto. Essa análise enfoca um contexto espacial ou sócio-cultural. Essa contextualização, segundo os PCN’S (1999, p. 315) se referem ao

...reconhecimento na aparência das formas visíveis e concretas do espaço geográfico atual a sua essência, ou seja, os processos históricos, construídos em diferentes tempos, e os processos contemporâneos, conjunto de práticas dos diferentes agentes, que resultam em profundas mudanças na organização e no conteúdo do espaço.

Foi-nos revelado durante a pesquisa que, os livros mais usados pelos professores são: Geografia do Amapá do professor Antonio Carlos, e O Amapá e as questões fronteiriças do professor doutor Jadson Porto. Ao analisarmos as referidas bibliografias percebemos que o primeiro foi construído para atender as necessidades pedagógicas de alunos e professores que objetivam preparação para concursos públicos. Podemos enxergar isso desde a capa aos textos.

O conceito chave da Geografia mais trabalhado é o território e a territorialidade, pois o livro trás como tema “ A (Re) produção do espaço amapaense e seus contrastes”. Podemos enxergar essa característica quando percebemos a preocupação com a abordagem sobre a formação, ocupação e apropriação territorial do espaço amapaense que, de certo, é feita com muita propriedade, mas a metodologia aplicada não atende satisfatoriamente as necessidades dos alunos do 3º ano da EEGAC e dos cursos técnicos do IFAP.

Para chegarmos a essa conclusão, buscamos como fonte de proximidade com a realidade abordada, as pesquisas aplicadas com os alunos e professores. Os mesmos relatam que suas necessidades pedagógicas não são atendidas, principalmente no que concerne a dificuldade de se encontrar conteúdos direcionados ao curso e dados atualizados.

O segundo livro apresenta questões voltadas para as áreas fronteiriças do Estado, aliado a isso explora assuntos diversos da geografia do Amapá, como localização, o clima, a agricultura, a economia, entre outros e faz presente as relações internacionais do Amapá com as Guianas. Acreditamos que seja um bom referencial teórico, mas a linguagem é técnica e o nível de exigência cabe ao uso de metodologias para o nível superior. Quando entrevistamos os professores e alunos de ambas as instituições de ensino, os mesmos declararam suas insatisfações com o material pedagógico que dispõe. O professor B², em 11/12/2013, discorre sobre esse assunto dizendo que,

Não atende as minhas necessidades. E quando se fala da geografia do Amapá nós temos dois autores: Jadson Porto (concepções para o nível superior), o professor Antônio Carlos, que desenvolve pra cursinhos que é utilizado para os ensinamentos Fundamental e Médio. E outros que ainda estão ainda engatinhando nessa questão da produção do livro didático, então na verdade acabam não sendo livros didáticos, eles acabam sendo apostilados para concursos, não é? E aí passa a ser diferenciado, por isso que eu digo que eu não vejo essa concepção, a compreensão do livro didático com a relação da geografia do Amapá.²

É muito divulgado e sentido no Amapá e no Brasil os poucos investimentos em educação, sobretudo em pesquisa. Segundo o site Observatório da Educação, o Amapá não possui um Plano Estadual de Educação. Segundo o SETEC (Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia) não houve nenhum investimento em pesquisa no Amapá até o ano 2011.

A pesquisadora Maria Isabel de Almeida, Professora da Faculdade de Educação da USP, publicou no boletim Desafios da Conjuntura, um artigo sobre “Cala a boca já morreu! Com a palavra, os professores”, em abril de 2009, e diz que, “o professor precisa ser autor de seu próprio discurso, e para isso se faz necessário: construir suas práticas de maneira coerente visualizando os valores e necessidades sociais e não tão somente os individuais”.

Ao refletirmos sobre essa questão concluímos que o professor deve ter pelo menos uma boa formação, condições adequadas de trabalho tanto no sentido espacial como temporal, para que seja possível atender seus alunos de modos diferenciados e conduzi-los à aprendizagem efetiva; Entendemos que nesse contexto, se faz necessário o reconhecimento e valorização profissional. A respeito dessa realidade, Almeida (2009, acesso em 2013) escreve que “Estamos falando dos múltiplos aspectos que estão sendo, ano pós ano, subtraídos dos professores: formação de qualidade, condições adequadas de trabalho e valorização profissional”.

Nesse momento, podemos retomar uma das hipóteses levantadas nessa pesquisa, que são os poucos investimentos na área da educação. Como podemos imaginar um estado que somente no final do século XX veio a conhecer uma universidade? O que Almeida aborda, também é reforçado por Nunes apud Morais (1999, p. 96) sobre os escassos investimentos na educação amapaense, desde a metade do século XX quando afirmam que, “As medidas foram sempre impostas de cima para baixo e não visavam organizar a vida coletiva autônoma da população e muito menos permitiam a ascensão a níveis superiores de instrução, educação e de cultura”.

À medida que nos aproximamos dos sujeitos da pesquisa, percebemos cada vez mais forte a relação da realidade vivida por docente e discente com os referenciais teóricos. A questão acima abordada foi reforçada pelo professor C³, numa entrevista cedida em 2013, onde o mesmo relata que,

Não estou nenhum pouco satisfeito com o acervo que possuímos no estado sobre geografia do Amapá, não há incentivo a pesquisa por parte do poder público e quem quer aprofundar qualquer pesquisa sobre o estado tem que procurar no Pará. Uso como referência nesse assunto o livro de minha autoria publicado em 2005, e infelizmente com uma carga horária elevada não consigo atualiza-lo. Gostaria muito de poder publicar boa parte do material pesquisado, mais preciso trabalhar em várias instituições, visto que, o profissional da educação não é respeitado nesse governo.

² De acordo com a metodologia de citações e conforme orientação do Conselho de Ética, os sujeitos da pesquisa foram nomeados da seguinte forma: Professores A¹, B² e C³; Aluno 1^a; Equipes de trabalho 1, 2, 3, 4 e 5.

³ De acordo com a metodologia de citações e conforme orientação do Conselho de Ética, os sujeitos da pesquisa foram nomeados da seguinte forma: Professores A¹, B² e C³; Aluno 1^a; Equipes de trabalho 1, 2, 3, 4 e 5.

Devido aos poucos materiais de apoio pedagógico sobre Geografia do Amapá os professores aqui citados não estão satisfeitos com essa situação e buscam sempre suprir suas necessidades pedagógicas através de pesquisas na internet e em sites de órgãos governamentais. Encontramos essa realidade no curso Técnico em Administração da EEPGAC, onde o professor A¹ também divide o mesmo pensamento do professor C³, quando diz que:

Não estou satisfeito com o acervo de Geografia do Amapá, pois nós temos uma carência muito grande desse conteúdo científico aqui, e aí nós temos algumas dificuldades de se obter: Primeiro que o acervo não é muito extenso e não existe uma constante de produção. E porque isso ocorre? Porque geralmente esse acervo é produzido por professores de geografia, no entanto pra se aliar sala de aula e pesquisa científica é muito complicado, e não há um incentivo por parte dos órgãos governamentais de incentivar essa pesquisa e extensão do professor.

Observa-se, então que há uma necessidade por parte dos professores de se ter um material pedagógico mais apropriado ao Ensino Médio, mas devido às dificuldades em se fazer pesquisa por conta dos escassos investimentos nessa área e a pouca valorização profissional, a produção bibliográfica é pequena, sobretudo no que tange as questões próprias da geografia do Amapá. Isso é externado pelo professor A quando o mesmo diz que “Existem professores que têm vontade e interesse, que já têm projeto de pesquisa, mas há a falta de interesse do governo de incentivar essa pesquisa científica”.

Ao investigarmos a realidade a partir dos discentes, podemos perceber no IFAP que os mesmos almejam aulas mais dinâmicas, com materiais pedagógicos que possibilitem aprofundamento de conteúdos voltados para o curso. Entrevistando o aluno 1^a do 3^o ano do curso técnico em mineração, o mesmo diz que no terceiro ano,

Essa necessidade quando expõe que referente ao livro de geografia sobre o Estado do Amapá, alguns professores debatem o assunto em sala de aula, outros nem tanto. Não dão tanto valor a parte sobre o Estado. Eles fixam mais a geografia geral, ou a geografia de solos, e não se importando com a geografia do Estado. O meu curso tem a ⁴necessidade de se conhecer mais o estado, por exemplo politicamente, o tipo de solo, o tipo de rocha. Eu preferiria que tivesse mais esses conteúdos como exigência curricular.

Entendemos que o aluno 1^a busca maior aprofundamento curricular sobre a geografia local e uma metodologia cada vez mais interdisciplinar, onde até mesmo as disciplinas técnicas devem se deixar enriquecer pelo olhar das demais. Parafraseando Milton Santos (1986) o espaço geográfico em suas diversas escalas deve ser compreendido como realidades que se relacionam e que apresentam características próprias.

O lugar, por exemplo, deve ser entendido como parte integrante desse todo, que segundo a rede de relações políticas, econômicas e sociais apresentam suas características peculiares. Nesse sentido, se faz importante analisar o que temos enquanto material de apoio pedagógico. Este deve permitir ao aluno um conhecimento processual da realidade local de maneira que ele possa se identificar com a mesma de forma crítica, ou seja, perceber o espaço local como memória histórica que o leva a se ver como amapaense, cidadão brasileiro e parte integrante do espaço global.

⁴ De acordo com a metodologia de citações e conforme orientação do Conselho de Ética, os sujeitos da pesquisa foram nomeados da seguinte forma: Professores A¹, B² e C³; Aluno 1^a; Equipes de trabalho 1, 2, 3, 4 e 5.

No tópico abaixo podemos observar, através de gráficos os anseios dos discentes quanto ao uso do livro didático e suas necessidades pedagógicas, que se substantivam na busca de aulas mais significativas e um material de apoio pedagógico de geografia do Amapá mais eficiente e eficaz.

2.3. Dados levantados junto aos alunos do 3º ano do curso técnico Integrado em Edificações, sobre o uso do livro de didático de geografia, o grau de satisfação, a metodologia do professor e as sugestões de aulas mais significativas.

Os dados a seguir foram levantados no período de abril de 2013 a junho de 2014. Seguindo a lógica metodológica baseada na história oral e pesquisa social, foi explorada a partir de um processo dialógico com os entrevistados, a confirmação das informações coletadas. O gráfico abaixo revela que, uma grande maioria do grupo pesquisado utiliza o livro didático. Isto nos leva a crer que esse material de apoio é um instrumento que é valorizado pelos docentes e discentes.

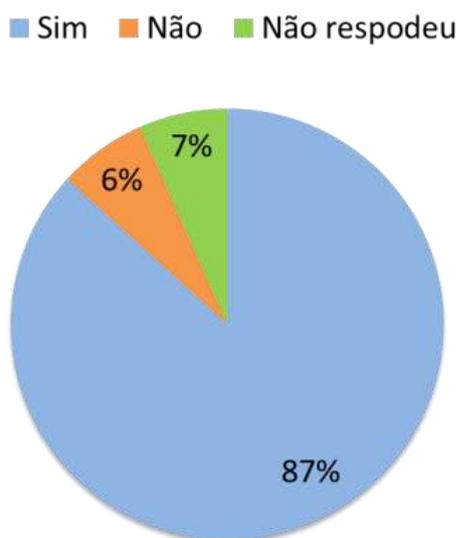


Gráfico 1 - Uso do livro didático
Autora: MOURA, S A U. 2013

Ainda que existam ideias contrárias e várias críticas ao uso do livro didático, ele vem historicamente contribuindo para a melhoria do processo pedagógico. Essa questão é sustentada por Cury (2009, p.121) quando diz que,

Ao mesmo tempo, o inciso VII do art. 206 da Constituição Federal (Brasil, 1998) têm como princípio do ensino a garantia de padrão de qualidade. E é certo que sem material didático, como um componente do ensino, não haverá garantia desse padrão.

Dessa forma, o livro didático é o resultado de um trabalho sistematizado, e deve ser voltado para atender as necessidades pedagógicas de alunos e professores. Devido a esse fato, o referido material de apoio pedagógico vem contribuindo grandemente para ao

planejamento docente, e ao aluno, permite que o mesmo possa acompanhar melhor as aulas.

Acreditamos que por conta de todos os fatores acima citados, a maior parte dos educandos usa esse recurso. Desdobrando as afirmações obtidas, buscamos conhecer melhor nosso objeto de estudo a partir das entrevistas e aplicação de questionários. No gráfico abaixo, podemos encontrar os motivos que levam o aluno a usarem esse material pedagógico. Essa realidade é expressa pelos alunos do IFAP, do 3º ano do curso Técnico em Edificações no gráfico a seguir.

Retomando o foco dessa pesquisa, o livro didático é o resultado de um trabalho sistematizado, e deve ser voltado para atender as necessidades pedagógicas de alunos e professores. Devido a esse fato, o referido material de apoio pedagógico vem contribuindo grandemente para ao planejamento docente, e ao aluno, permite que o mesmo possa acompanhar melhor as aulas.

Por isso, a maior parte dos educandos usa esse recurso. No gráfico abaixo, podemos encontrar os motivos que levam o aluno a usarem esse material pedagógico. Essa realidade é expressa pelos alunos do IFAP, do 3º ano do curso Técnico em Edificações no gráfico a seguir.



Gráfico 2 - Formas de Uso do Livro Didático

Autora: MOURA, S A U. 2013

De certo, a produção do livro didático não pode ser feita de qualquer jeito. Acreditamos que se faz necessário por parte dos autores e editoras que se leve em consideração a realidade regional, cujo contexto engloba uma série de fatores sociais, políticos e econômicos que implicam na formação docente, nas condições infraestruturais das escolas e da filosofia pedagógica da mesma, e sobretudo o perfil dos discentes. Segundo Pontuschka (2009. P339.) essa questão pode ser entendida, quando ela fala que,

Os livros didáticos continuam a ser o grande referencial na sala de aula para alunos e professores... A variação de usos em sala de aula depende da relação existente entre os vários fatores: a formação geográfica e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende.

Para atender as necessidades pedagógicas de alunos e professores o Fundo de Assistência ao estudante (FNDE) busca atingir a meta de garantir aos estudantes livros didáticos de qualidade. Existe por parte do referido órgão a organização de um processo de avaliação desse material pedagógico para que se consolide os objetivos almejados. Cury (2009, p. 122) escreve sobre esta questão dizendo que,

Inicia em 1996, o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD/97. Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros desatualizados, que apresentam erros conceituais, induzem a erros, a preconceitos ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático.

Como foi dito no capítulo anterior , temos a preocupação em explorar nossos dados empíricos relacionando-os num processo de descrição, análise e interpretação a partir de nossos referenciais teóricos. Portanto, o trecho acima revela um dado que acreditamos ser favorecedor ao uso maciço dos livros didáticos pelos discentes. Observa-se nos gráficos a seguir a confiabilidade dos alunos do IFAP quanto ao uso do livro didático de geografia.

■ Total ■ Parcial ■ Não satisfeito

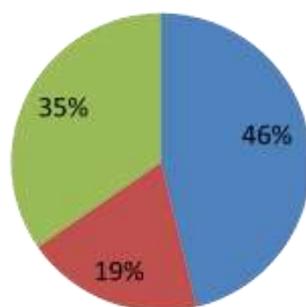


Gráfico 3 - Grau de satisfação do livro didático de Geografia
Autora: MOURA, S A U. 2013

Ao decompor os dados levantados sobre a categoria grau de satisfação do uso do livro didático, fizemos uma relação entre as partes que foram decompostas. As reflexões dos parágrafos a seguir se voltam para a análise e interpretação da referida decomposição.

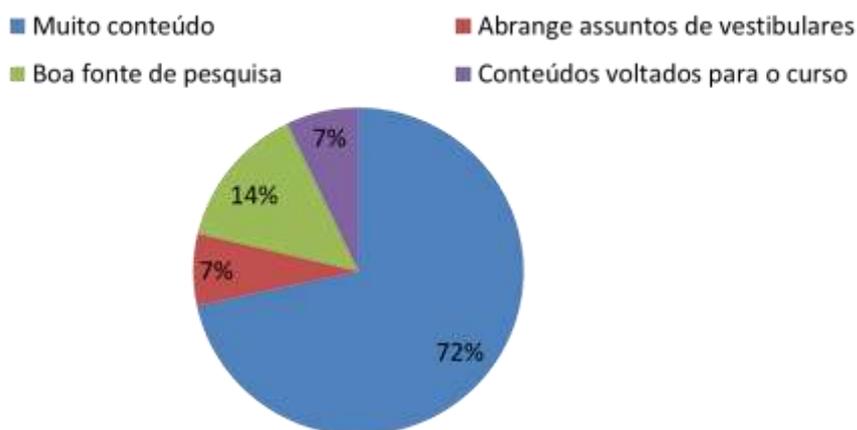


Gráfico 3.1 - Motivo da satisfação
Autora: MOURA, S A U. 2013

Os resultados dessa relação se apresentaram a partir da contradição dos alunos ao relatarem que estão satisfeitos com o livro didático por conta dos mesmos trazerem muito conteúdo. Devido à geografia apresentar várias abordagens que envolvem tanto questões humanas como a físicas, o livro didático busca dar conta desses conteúdos, no intuito de atender as necessidades dos alunos quanto ao acompanhamento das aulas, na resolução de atividades e nos estudos prévios para as avaliações bimestrais.

Mas dizem também que, o motivo da insatisfação é por conta de informações insuficientes. Porém, retornando à turma a mesma justificou que as informações insuficientes eram sobre a geografia local. Podemos constatar essa interpretação no gráfico 3.2.

A ausência ou insuficiência de dados regionalizados leva o aluno a conhecer cada vez menos do seu espaço local. Nesse caso, várias abordagens nos livros de geografia do Brasil não se faz entendida pelos alunos e, até mesmo por professores, uma vez que a linguagem é técnica demais.

Durante os meus vinte anos de experiência em sala de aula e, também, a partir das análises que fizemos nos livros didáticos nessa dissertação, percebemos que o espaço mapeado, na maioria dos casos é da região Centro-Sul, muito embora caiba ao professor, que já alfabetizado geograficamente, deva ter didática para explorar de maneira significativa os termos técnicos em geografia, e procurar pesquisar em fontes seguras os mapas da geografia local.

Essa tendência nos livros didáticos em abordar muito mais o Centro-Sul que as demais regiões do país, desenvolve um sentimento de exclusão de um contexto regional e nacional, que e por sua vez, criam-se estereótipos das regiões ou estados que pouco se estuda em Geografia do Brasil. Falo por experiências, pois ao viajar pelo nordeste e sudeste do país, algumas pessoas perguntavam de onde eu vinha e, ao responder que era do Amapá, as mesmas questionavam: O Amapá? Onde fica isso? Faz parte do Brasil? Ou, quase nunca ouço falar desse lugar... Por isso, sobre o Amapá, não é muito raro, existir pessoas que acham que é uma área completamente florestada e ocupada pela maioria indígena.

Atualmente, temos a internet como veículo de informação, e já se podem acessar várias informações sobre todos os estados do Brasil. Portanto, é por isso que Pontuschka (2009) se reporta a necessidade do livro didático levar em conta, a formação geográfica

e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende. Trabalhar o espaço local em consonância com o global e vice-versa, é um elemento muito importante na divulgação das peculiaridades regionais do nosso País, que atualmente vem sendo muito mais difundida na sociedade através da internet, entretanto a mídia não transforma essas informações em conhecimento. Pontuschka (2009. P. 342) diz que:

Essa questão precisa ser enfrentada, pois a rapidez com que a mídia leva aos lares a multiplicidade de informações, por vezes com belíssimas imagens da natureza e das cidades, promove a veiculação de informações parcelares, fragmentadas e facilmente esquecíveis. As imagens invadem nossos lares e encantam-nos, mas a criança e o adolescente sozinhos não transformam em conhecimento tais informações, uma vez que não conseguem contextualizá-las nem estabelecer nexos; É a escola que pode ajuda-los nessa tarefa.

A partir dessa reflexão, procuramos confirmar a falta de regionalização e a necessidade de maior contextualização do espaço sociocultural nortista e amapaense nos livros de geografia do Brasil, fato que leva alunos e professores à insatisfação. Isto justifica o fato de se buscar maiores investimentos em publicações locais de qualidade. Dessa forma, não pretendemos somente reforçar aqui a problemática levantada, nem tão somente confirmar nossas hipóteses, mas buscar através de nossas análises e interpretações uma aproximação cada vez maior com a realidade estudada. gráficos a seguir, foram construídos para esse propósito.



Gráfico 3.2- Motivo da Parcialidade
Autora: MOURA, S A U. 2013

Observamos que os alunos continuaram a se manifestar a respeito do conteúdo, onde no gráfico 2 o mesmo é caracterizado insuficientes e no gráfico 3 expressam a ausência de abordagem de geografia do Amapá. Concluimos, então que o grupo de alunos entrevistados têm necessidade de conhecer melhor o espaço amapaense e querem ver esses conhecimentos no livro didático de Geografia.

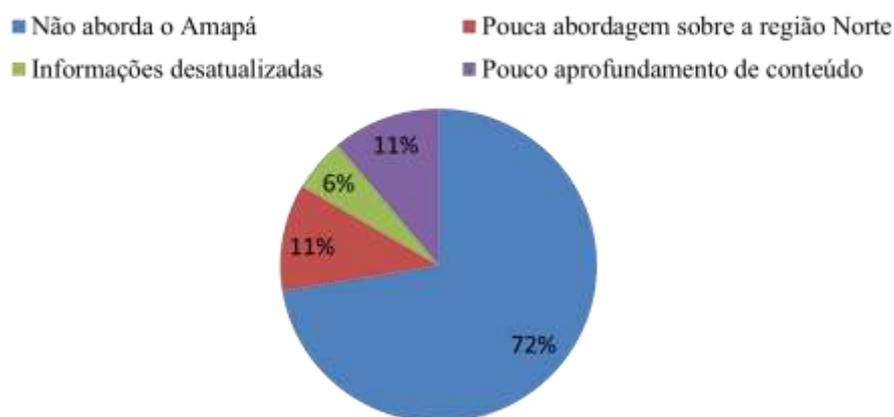


Gráfico 3.3- Motivo da insatisfação
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Como contribuição cultural e a inserção de linguagens ampliadoras da capacidade de leitura dos estudantes, cito a obra de Maria Vilhena Lopes e Dêisse Gemaque V. Andrade (1997) que trata da cultura, poesia e tradição do Amapá. Além dessas autoras podemos citar outros artistas cujas obras podem ser exploradas no processo de construção do conhecimento geográfico, tais como a pintura de época de Ronaldo Picanço; a obra “Amapacanto” de Álvaro Cunha, que discorre sobre o Amapá em vários aspectos como: rios, florestas e amor por essa terra; o romance indianista “Ninaraê”, que mistura ficção e história do Amapá; o livro de Decleoma Lobato Pereira. Olha o nome: "Entre mãe-do-mato, cobra grande, botos e mocós: uma aventura no Bailique"; Remanso das águas de Claudia Almeida que trata das crenças, rituais, danças e pajelança do povo amazônida.

Além disso tem o ritmo amapaense caracterizado pelo batuque e o marabaixo, que são danças típicas de um povo remanescente de afrodescendente. É uma das heranças culturais deixadas pelos escravos que chegavam ao Amapá nos navios negreiros da África.

Podemos encontrar essa expressão cultural na coleção Amapá em Cordel de Joseli Dias, onde a autora trata de fatos históricos artísticos, turísticos e culturais do Estado do Amapá. No site CASTELOROGGER (acesso em 2013), é enfocada várias obras de artistas amapaenses, onde acreditamos ser significativa a citação do trecho poético abaixo que muito bem ilustra nosso comentário a respeito da riqueza de conhecimento geográfico existente nas várias linguagem literárias.

O Brasil não sabe que há bacias de sal e coral no rio Oiapoque. Não sabe em quais extensos litorais canions florestais e vales minerais as águas do Araguari vagam e desaguam. O Brasil não sabe que abalo sísmico fraturou a crosta e ordenou a falha geológica que talha a tortuosa lógica da calha a equilibrada dispersão da malha dos rios Caciporé, Jari e Vila Nova. De onde o Flechal, o Cunani, o Uaçá, o Calçoene, descendo o peneplano (saberá o Brasil o que é peneplano?) até cingirem as águas do oceano o Brasil não sabe”. (Álvaro Cunha apud CASTELOROGGER, acesso em 2013.)

Vejamos aqui, quanta coisa relevante que poderia ser trabalhado com essas linguagens: 1) Os aspectos econômicos, com os textos que exploram: a flora amapaense na medicina doméstica, o artesanato, onde tudo isso pode ser potencialidades para a indústria turística e a biotecnologia. 2) Os aspectos históricos responsáveis pelas políticas públicas de ampliação e ocupação do espaço geográfico amapaense, 3) e, os movimentos de sabedoria popular, adivinhações, crendices e/ou superstições, danças e canções que são expressões da memória histórico-cultural de um povo, memória estas que pelas relações sociais constroem e dão significados ao espaço geográfico habitado.

Os poemas, as músicas e todos os textos impregnados de poesia são importantes, porque muito deles foram extraídos com base no conhecimento e na reflexão sobre realidades locais ou regionais que, em interação com os eixos temáticos da Geografia e seus conceitos básicos, permitem fazer um trânsito entre diferentes disciplinas. (PONTUSCHKA 2009. p. 341)

Diante dos dispostos, ressaltam-se aqui as necessidades metodológicas dos professores no Ensino Técnico Integrado. Em busca de explorar da melhor maneira possível à geografia local. Os professores relatam que precisam preparar todo o material de apoio, visto da dificuldade de se obter informações atualizadas e materiais pedagógicos disponíveis tanto para o aluno quanto para o professor.

Em síntese, os mesmos preparam apostilas, slides, pedem pesquisas na internet como estratégias metodológicas. Segundo pesquisas realizadas com alunos e professores, os mesmos acreditam que ficaria bem mais fácil se tivesse uma produção cultural que atendesse essas necessidades. O gráfico abaixo apresenta em dados à metodologia desenvolvida no IFAP a cerca da práxis em geografia, a partir do conhecimento empírico dos discentes.



Gráfico 4- Metodologia do professor em Geografia do Amapá
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Ao analisarmos a metodologia aplicada pelos professores sentimos falta das visitas técnicas. A partir de uma conversa, os mesmos relataram que gostam de sair da mesmice da sala de aula e comungam da ideia de se buscar outros ambientes para desenvolver suas aulas, mas isso não é sempre possível, pois é um pouco difícil viabilizar toda uma infraestrutura de transporte, reuniões com os pais e autorização dos mesmos, uma vez que isso demanda tempo. Mas, os mesmos externaram que é possível

realizar com mais frequência atividades desse porte no IFAP, desde que a instituição melhore as condições infraestruturais de saída dos alunos para campo.

A próxima análise que fizemos foi a respeito do nível de aceitação do acervo de geografia do Amapá. Ao explorarmos o acervo bibliográfico existente no IFAP, observamos a ausência de livros sobre a geografia local.

A respeito da dificuldade de aquisição de material de apoio pedagógico nas escolas públicas do norte do Brasil, PLANK (2001) fala da dominação e centralização dos gastos públicos em educação onde se privilegia os interesses privado, ou seja, o autor acredita que exista uma rede de corrupção que impede a aplicação correta dos referidos investimentos e, dessa forma as escolas públicas são prejudicadas.

O referido autor atribui como um dos principais problemas do sistema brasileiro de ensino o fato de que os fins privados assumem regularmente a precedência sob os fins públicos. O mesmo aponta como causa dessa situação dois fatores: o clientelismo no sistema público e subsídios públicos às escolas particulares e aos estudantes universitários das escolas públicas. Sobre essa questão Plank, (2001. P. 108) diz que:

A manifestação mais importante do clientelismo é conhecida como empreguismo, através da qual os políticos recém-eleitos ou nomeados fornecem empregos da folha pública de pagamento a seus aliados políticos. Outras maneiras através das quais os recursos públicos são desviados para clientes não incluem os contratos de construção e outros serviços, a distribuição de bolsas de estudos, a concessão de subsídios a escolas particulares e outros órgãos e alocações de repasses federais às administrações estaduais e municipais. Essas atividades são essenciais para realização das políticas públicas, mas cada uma delas é, com frequência, subvertidas a serviço dos interesses privados.

Mas, de fato, o autor aborda uma realidade visível da dominação de grupos empresariais da região sudeste, sobretudo de São Paulo, que são beneficiados em detrimento das escolas de regiões menos desenvolvidas, como a Norte e Nordeste do Brasil. O mesmo aborda como fator preponderante a esse fato a política clientelista baseada na relação de favores entre gestores e seus correligionários. Debrun, apud Plank, (2001. P. 108), afirma que:

De modo geral, os sistemas estaduais de educação – e mais ainda os municipais – continuam sendo encarados, pelo público em geral e pelos seus agentes em particular, como um manancial de favores (empregos, acesso as escolas públicas, bolsas, etc.) destinados a determinados indivíduos ou famílias, não como um instrumento impessoal de promoção de coletividade como um todo. Menos ainda se pensa em colocar a educação a serviço do desenvolvimento socioeconômico local, regional ou nacional.

O referido autor questiona o programa de assistência ao estudante, gerido pela FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) que foram duplicados os gastos na 1980 com livros didáticos e merenda escolar. Ele discute que há uma rede de corrupção na administração da verba pública destinada aos estados e municípios na compra desses recursos. Por isso, Plank (2001. P.121) diz que,

É difícil superestimar a importância política do Programa de Assistência ao Estudante. Os administradores da FAE tem controle arbitrário sobre a disposição de uma enorme quantidade de recursos e presidem uma rede de distribuição que se estende a cada município e quase que a cada domicílio do país. A FAE constitui, assim, um dos mais poderosos instrumentos disponíveis do governo para construção e manutenção de bases políticas. As denúncias de manipulação política, fraude e corrupção na utilização dos recursos do programa são comuns.

Ao retomar a questão da carência de material didático sobre geografia do Amapá nas escolas públicas, Pontuschka (2009) faz uma reflexão interessante sobre o significado do livro didático, e à mesma mostra duas extremidades nessa questão: a presença de uma metodologia motivadora e inovadora, quando há material de apoio disponível para o professor e o aluno, e a presença de uma metodologia tradicional, sobretudo quando o livro didático é utilizado somente pelo professor. Seguindo nossa linha metodológica, podemos aliar a essa questão a entrevista feita em 2013 com o professor A¹, quando o mesmo fala que.

Um outro problema que eu vejo é a respeito da edição, pois eu desconheço alguma editora aqui do Amapá, assim é oneroso levar pra uma editora de fora e será que a mesma vai querer arriscar em editar um livro especificamente do Amapá correndo o risco de não vender esse material?

De acordo com nossos referenciais teóricos é difícil a produção bibliográfica em locais cujo o poder de edição é fraco e sem muitas perspectivas de investimentos em pesquisa. Plank (2011) revela que são as regiões nordeste e norte os grandes exemplos. Assim, percebemos que em nível de região amazônica se faz necessário que o pesquisador se sinta motivado a investir no seu trabalho e imbuído de otimismo possa ser perseverante na busca de investimentos capazes de lhe dar subsídios e garantias de publicação. Seguindo nossa análise e interpretação de dados, as informações dos gráficos 5 e 6 retrata o olhar dos alunos a cerca do acervo cultural sobre a geografia local.

Ao relacionarmos as informações coletas desde os primeiros resultados, uma das consequências para a carência de livros sobre Geografia do Amapá está na dificuldade de se produzir um livro didático no norte do país, sobretudo no Amapá, ainda que exista uma dicotomia oriunda do currículo estipulado pelo ENEM, onde não é cobrado geografia do Amapá, entendemos que isso não pode ser justificativa de não se trabalhar o espaço local com propriedade.

No gráfico a seguir, podemos perceber que, a maioria dos alunos entrevistados, não estão satisfeitos com o acervo existente sobre a geografia local, bem como reforçam o que haviam dito anteriormente sobre os conteúdos, onde aqui se acrescenta a pouca informação referente ao curso e, sobretudo a carência de livros.

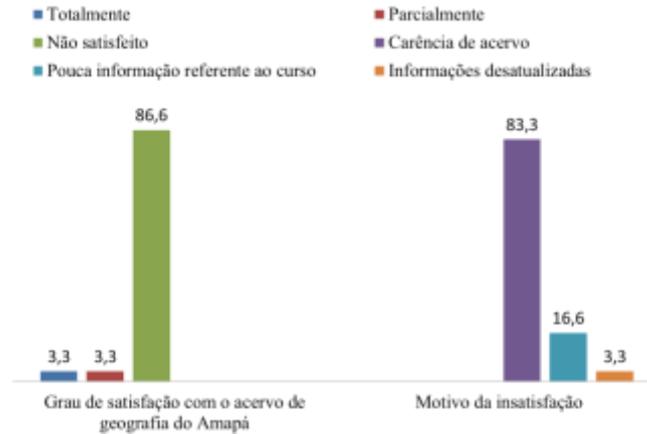


Gráfico 5- Nível de satisfação do acervo de Geografia do Amapá
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Segundos os alunos, a metodologia que mais lhes agrada é a que alia teoria e prática. Dessa forma a prática criativa do professor versus a um bom material didático o fará desenvolver um ótimo trabalho pedagógico com seus alunos. A pedagogia de projetos é uma das estratégias bem indicada para se aliar conteúdos e prática. Antunes (2001. P. 18) fala a respeito dessa questão dizendo que,

Além das razões expostas, o trabalho com projetos oferece a alunos já alfabetizados um contexto e muitos elementos para tomar iniciativas sobre as linhas de sua aprendizagem, tomar decisões, assumir responsabilidades, eleger entre os membros da equipe os responsáveis pelos diferentes papéis e ir além dos limites de saberes restritos a um livro didático ou a outra fonte utilizada coletivamente.

As visitas técnicas desenvolvidas através de projetos, preferencialmente interdisciplinares, são atividades ideais para se trabalhar conteúdos geográficos referentes aos cursos técnicos e, também, são de substancial importância por trabalharem pré-requisitos para as séries subsequentes.

Acreditamos que devido ao fato da disciplina geografia ser trabalhada somente no primeiro e segundo ano, os pré-requisitos peculiares a ela devem ser trabalhados bem significativamente. Para que isso ocorra se faz necessário que se experiencie as bases tecnológicas, sobretudo através de projetos bem construídos e que tenha em sua essência a interdisciplinaridade, a contextualização espacial e a regionalização.

Assim, o gráfico abaixo nos leva a fazer uma leitura a cerca do que Antunes (2001), Vesentini (2005) entre outros, abordam quanto à necessidade pedagógica de se desenvolver um material de apoio pedagógico que levem professores e alunos a construir conhecimento através da relação teoria e prática aliada ao desenvolvimento do raciocínio lógico que a construção de projetos proporciona. Podemos destacar dentre as sugestões dos alunos as aulas de campo que, podem ser entendidas como visitas técnicas.



Gráfico 6- Sugestões para aulas de Geografia do Amapá mais significativas
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Concluindo a decomposição dos dados levantados e todo o processo de análise e interpretação dos mesmos dentro do contexto do IFAP, ampliaremos nosso entendimento sobre a realidade estudada a partir da vivência pedagógica dos alunos da EEPGAC. No tópico a seguir, tratamos com o mesmo comprometimento científico das informações obtidas tanto de forma secundária como primária.

2.3.1- Dados levantados junto aos alunos do 3º ano do curso Técnico em Administração da Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café sobre: o uso do livro de didático de geografia, o grau de satisfação, a metodologia do professor e as sugestões de aulas mais significativas.

Tal como os alunos do Instituto Federal do Amapá, os educandos do curso técnico em Administração da Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café, trazem consigo desejos pedagógicos em comum. Principalmente no que concerne ao uso, da uma grande maioria, do livro didático. É o que mostra o gráfico a seguir. O início das pesquisas se deu em janeiro de 2014, pois devido às greves estaduais o final do ano letivo se esticou até o mês de janeiro.

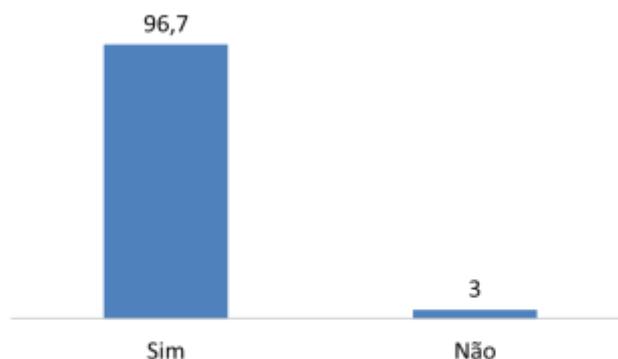


Gráfico 7- Uso do livro didático
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Observa-se no gráfico abaixo que as maiorias dos alunos, diferentemente dos alunos do IFAP, usam o livro didático principalmente, se prepararem melhor para a prova, seguido da realização de atividades. Apenas alguns, como fonte de pesquisa.

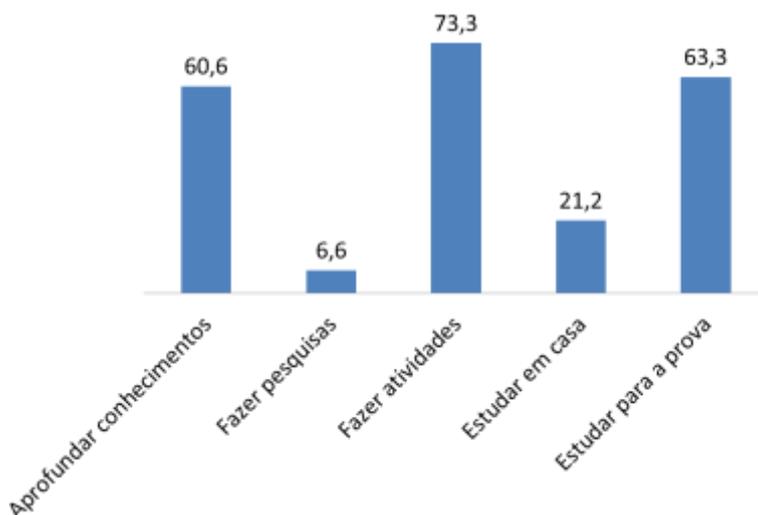


Gráfico 8- Formas de uso do livro didático de Geografia
Autora: MOURA, S A U. 2013

A variável estudar para a prova nos chama atenção para um assunto que é o valor que se dá para a nota no processo de avaliação da aprendizagem. Quando pensamos numa metodologia libertadora, a nota deve ser compreendida como um item acessório e não indispensável ao referido processo.

Entendemos que quando os alunos se preocupam muito mais em estudar para a prova do que explorar as leituras dos textos do livro, concluimos que o interesse está na aprovação e não no conhecimento. Apesar da nota ser uma exigência formal do sistema educacional, acreditamos que já está mais do que na hora de aprofundarmos nas escolas essa discussão. De certo o processo avaliativo continuará existindo, mas quem disse que tem que ser sempre em forma de números, conceitos ou menção? Dessa forma, acreditamos que seja necessário superar essa lógica e partir para algo mais próximo da necessidade do aluno. Vasconcelos (2000, p. 44) fala sobre essa questão dizendo que,

Prova é apenas uma das formas de se gerar Nota, que, por sua vez, é apenas uma das formas de se avaliar. Assim, podemos atribuir Nota sem ser por Prova, bem como podemos Avaliar sem ser por Nota (este dia parece não ter chegado plenamente ainda...).

Ao analisarmos e interpretarmos as descrições dos gráficos abaixo aferimos que os níveis de satisfação e insatisfação com o livro didático são comuns para os dois grupos de alunos, pois como já foi dito, os alunos estão inclinados a usarem o livro de Geografia devido a variedade de conteúdos, ilustração e, também, porque o livro didático padroniza e massifica os conteúdos neste mundo mais global, pois a escola é uma instituição que vem se modernizando e é adequada à massificar. Mas, como foi dito anteriormente, observamos um dado novo: apenas alguns alunos apresentam interesse por conhecimentos locais.

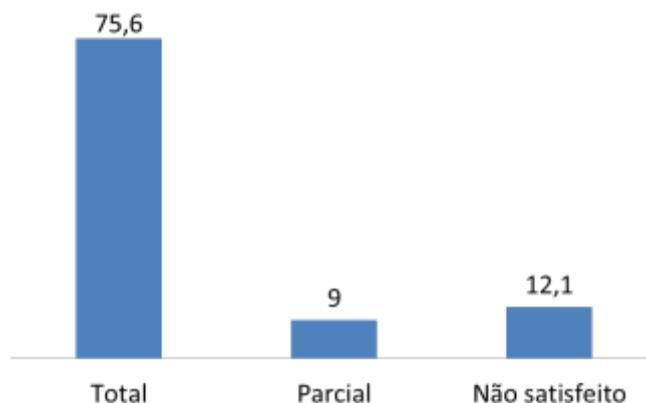


Gráfico 9- Grau de satisfação do livro didático de geografia
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Fazendo um paralelo ao que foi dito anteriormente sobre a variável do gráfico abaixo, podemos perceber que os alunos têm opiniões homogêneas à questão dos conteúdos, mas os mesmos apontam para uma contradição ao que falou o professor A¹. Estamos nos referindo a questão da linguagem do livro de geografia, enquanto alguns relatam ser muito técnica outros dizem que é simples.

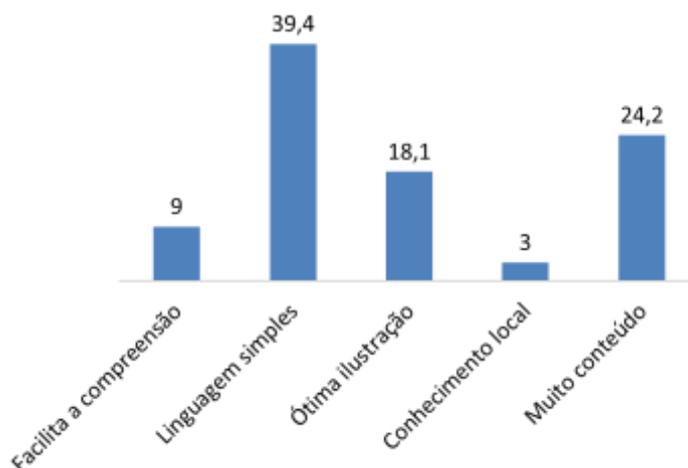


Gráfico 9.1- Motivo da satisfação
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Em 05 de maio de 2014, retornei à turma para conversar sobre os resultados obtidos. Alguns alunos relataram dificuldades em fazer pesquisa, e eram raras as vezes que se cobrava esse tipo de atividade. Esses mesmos alunos são contrários à ideia de se estudar a geografia do Amapá, e justificaram dizendo que: Não gostam de ler e, também, não acham interessante estudar a cultura local.

Em meio à conversa, uma aluna dizia que não concordava com o posicionamento das colegas, pois esta relatou que acredita na importância de conhecer a sua própria história. Assim como ela, outros alunos também concordaram com esse pensamento e externaram que acham muito importante o estudo do espaço local. Entendemos que nesse momento da pesquisa nos deparamos com um dado novo, alguns sujeitos da nossa pesquisa pronunciaram-se a favor e outros contra sobre o estudo da

realidade amapaense.

Acreditamos que se relacionarmos as informações dos alunos acima citadas com as do professor A¹, a respeito da exclusão dos conteúdos de história e geografia do Amapá dos currículos do ENEM e da escola EEGAC, podemos dizer que esta exclusão curricular pode constituir como um elemento que explica o pouco interesse pela leitura de livros sobre a literatura local.

Não é alvo dessa pesquisa a falta de interesse pela leitura, mas em se tratar de uma reflexão sobre o livro didático, e por conta de nossa metodologia, buscamos explorar mais o assunto a partir de novas leituras. Levamos em consideração as falas dos referido alunos quando disseram que não adianta elaborar livro didático de geografia ou história do Amapá se eles não vão ler. Assim, a partir de nossas reflexões a cerca dessa questão, concluímos que é papel tanto da escola quanto da família estimular o gosto pela leitura. Dessa forma, Cerqueira (Acesso 2012) diz que:

A escola tem um papel imprescindível na formação de leitores competentes, reservando na elaboração de projetos, organização curricular um espaço especialmente para a leitura, promovendo atividades focando nessa prática. Os jovens não leem porque não são estimulados. Esse hábito deve vir, em primeiro lugar, de casa. Pais que tem o hábito de ler estimulam seus filhos, e isso passa de geração pra geração. O avanço da tecnologia contribui para que o número de leitores caia cada vez mais.

Podemos também atribuir como causa do pouco interesse dos estudantes pela leitura os desafios que os professores das escolas públicas estaduais têm que enfrentar tanto no exercício do magistério quanto na vida socioeconômica. Sabemos que a realidade educacional é precária, sobretudo nas regiões mais atrasadas. As pesquisas sempre apontam para isso. Além disso, temos espaços físicos escolares com pouca estrutura, e não muito raro super lotados, além do que a jornada de trabalho é muito extensa. Com relação ao desdobramento da variável uso do livro didático, investigamos os motivos que levam os alunos a parcialidade e insatisfação sobre a utilização do mesmo no contexto da referida escola estadual.

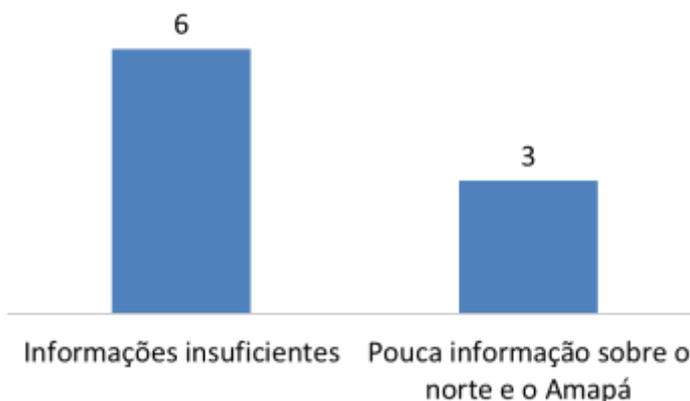


Gráfico 9.2- Motivo da parcialidade
Autora: MOURA, S A U. 2013

Para tanto, observamos nos gráficos 9.2 e 9.3 o pequeno índice de alunos que optaram por conteúdos locais. Outra questão que se confirma é a necessidade dos alunos em quererem mais informações sobre o espaço geográfico. Ao contrário do que foi obtido no IFAP, aqui o que se quer saber é mais sobre a geografia que cai no ENEM.

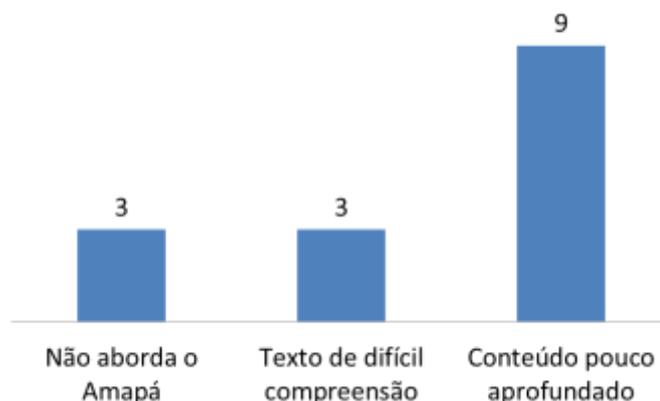


Gráfico 9.3- Motivo da insatisfação
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Como foi dito, no retorno a turma algumas informações obtidas na primeira aplicação do questionário foram rediscutidas na mesma. Uma das informações contrária sobre a metodologia aplicada foi à questão do uso de pesquisas. Percebemos que alguns sujeitos de nossa pesquisa pronunciaram-se a favor e outros contra. Por conta disso, a pedido da turma suprimi o quesito pesquisa da metodologia utilizada em sala de aula.

Os alunos abordaram positivamente as aulas expositivas com o uso de slides. Segundo os mesmos, o professor elaborava a síntese dos conteúdos do livro didático, que continha os gráficos e mapas do livro, e por esse motivo não traziam o livro pra sala de aula, e, sim, estudavam em casa.



Gráfico 10- Metodologia do professor em Geografia do Amapá
 Autora: MOURA, S A U. 2013

Ao analisarmos os desdobramentos da variável Nível de satisfação com o acervo de Geografia do Amapá, percebemos mais uma vez as ideias contrárias da turma em relação ao grau de satisfação do livro didático de Geografia do Amapá, pois a maior parte se diz insatisfeito, mas um número considerável se diz completamente satisfeito, e ainda, há quem diga que nem conhecem esses livros.

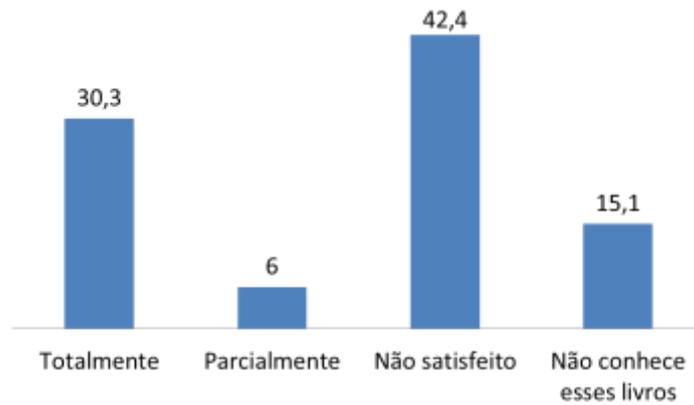


Gráfico 11- Nível de satisfação com o acervo de Geografia do Amapá
Autora: MOURA, S A U. 2013

Relacionando as informações obtidas a partir do que foi coletado junto aos nossos sujeitos da pesquisa, o gráfico a seguir reforça as respostas dos discentes quanto a questão dos mesmos acharem que há uma carência de livros de Geografia do Amapá, bem como poucas informações sobre o espaço local.

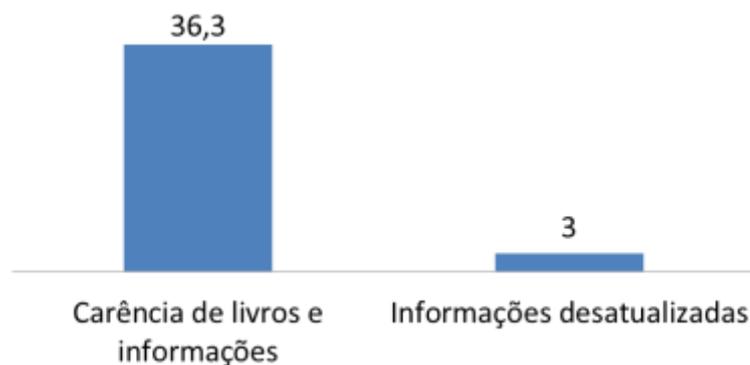


Gráfico 12- Motivo da insatisfação
Autora: MOURA, S A U. 2013

Procuramos explorar um pouco mais essa questão, e perguntamos aos alunos quais livros eles conheciam sobre esse assunto? Os mesmos não souberam responder. Assim, entendemos que não é que tenha tão poucas informações sobre a geografia do Amapá, o que realmente está faltando é o aluno se apropriar desses conhecimentos.

Um ponto interessante na conversa com a turma foi à necessidade de aprender a pesquisar, como vimos anteriormente, os mesmos externaram que não têm muito conhecimento em realizar esse tipo de atividade. Assim, os mesmos disseram que para as aulas serem mais significativas deveria se ter mais pesquisas, ainda que tenha sido uma pequena parcela da turma.

A prática da pesquisa leva alunos e professores a construírem conhecimentos utilizando suas habilidades externando assim inteligências múltiplas. Essa experiência, como já foi dito, alia teoria e prática e é um anseio comum entre os sujeitos dessa pesquisa. Além disso, outra necessidade pedagógica homogênea é o desenvolvimento de visitas técnicas.

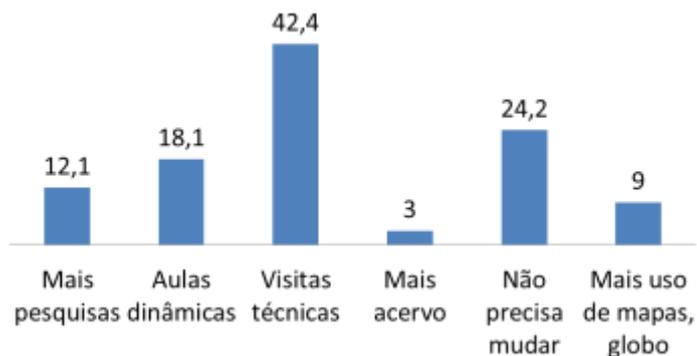


Gráfico 13- Sugestões de aulas mais significativas
Autora: MOURA, S A U. 2013

Apesar da presença da pouca inclinação de boa parte dos sujeitos da pesquisa para à leitura e desenvolvimento de pesquisa, sobretudo do espaço local, trago como contribuição para essa reflexão a importância da leitura e do livro didático como material de assistência ao aluno. Segundo CERQUEIRA (2012) o intenso uso dos ambientes virtuais voltados para as redes sociais têm provocado nos jovens pouco tempo e interesse pela leitura:

Os jovens andam muito ocupados nas redes sociais, o que os levam a interessar mais pelos bate-papos, pela internet, pelos games e vídeos disponíveis, do que pelos inúmeros materiais úteis e de grande valor que a internet possibilita. Precisamos reverter esse quadro. A prática da leitura diária em sala de aula é bom começo, porém, ela só seria de grande valia se os alunos não veem a leitura como obrigação, pois, essa palavra os traz medo e os afastam mais ainda dos livros.

Mais uma vez trazemos para essa reflexão, uma pedagogia que envolva uma metodologia criativa com elaboração de instrumentos que, aguça a inteligência dos alunos, a pesquisa docente e o uso de um bom livro didático (que no caso local não atende as necessidades dos alunos dos cursos técnicos). Os obstáculos são muitos, mas acreditamos que, o que faz do professor ser bom é a sua competência.

Vasconcellos (200), grande educador brasileiro, explora a questão da superação humana diante das dificuldades, sobretudo na escola. Sua abordagem é muito relevante quando ele nos coloca frente a frente aos problemas que precisamos enfrentar no desenvolver do processo pedagógico. O mesmo defende uma concepção dialética-libertadora no que tange principalmente ao processo de avaliação escolar. A respeito dessa questão Vasconcelos (2000, p. 54) fala que,

Veja bem, se você quiser, pode continuar só se lamuriando a respeito dos problemas da avaliação (e da profissão); motivo para reclamar é que não falta...Pode ficar tranquilo. Ninguém é obrigado a sair da mediocridade. Ninguém é obrigado a tomar a iniciativa. Ninguém é obrigado a ser agente da própria história. Ninguém é obrigado a se comprometer com a educação democrática.

Voltamos, então, a reflexão de que é possível, através de uma tomada de decisão, fazer da geografia escolar um processo mais eficaz, onde se possa valorizar

mais o espírito de cidadania e reconhecimento das relações sociais que se dão no espaço geográfico, responsáveis pela (re) construção do mesmo.

Para isso, se faz necessário maior segurança em se trabalhar pedagogicamente as estruturas espaciais que são condicionantes e, fortalecer nossos conhecimentos a cerca da metodológica em geografia, pois a partir dessa segurança entendemos que, é possível desenvolver satisfatoriamente os conceitos geográficos e utilizar bem do material didático disponível, no intuito de levar o aluno à aprendizagem em geografia. Aliado a isso, que sejam ministradas aulas criativas, motivadas pela realização de procedimentos consistentes, interdisciplinares e significativos.

2.4. A abordagem do espaço agrário amapaense no livro didático de geografia do Amapá no Terceiro ano do Ensino Médio Integrado.

O espaço agrário amapaense é um dos assuntos específicos e próprios da geografia do Amapá, pois esse estado apresenta grande potencialidade econômica em recursos minerais, vastas áreas de terras agricultáveis, que segundo DRUMMOND e PEREIRA (2007. P...) ilustram essa questão dizendo que se faz necessário à correção do solo uma vez que apresenta alto grau de acidez, sobretudo nas áreas de cerrado, um bioma amazônico com ecossistemas diversificado, onde pode ser explorado de diversas formas, como por exemplo, através do turismo ecológico, cultural, do esporte radical entre outros.

Mas o processo de investimentos governamentais e não governamentais têm se dado dentro do modelo desenvolvimentista desde o período militar até os dias atuais. Os livros que se tem de geografia do Amapá lançados no início do século XXI, abordam com propriedade essa questão, mas como já foi dito, a abordagem teórico-metodológica se volta para atender a demanda de concursos públicos e vestibulares e outros com uma linguagem mais técnica, mais voltada para o ensino superior.

Podemos conferir isso nas obras de alguns pesquisadores amapaense, os quais têm muita admiração pelo trabalho que veem desempenhando: Geografia do Amapá do professor Antônio Carlos Rodrigues dos Santos (2003) (geógrafo pela universidade Federal do Pará e professor da rede pública e particular de ensino em Macapá; Amapá: Principais Transformações Econômicas e Institucionais – 1943 a 2000 do professor Dr. Jadson Porto (2006) (o mesmo é autor de várias obras e artigos sobre aspectos econômicos amapaenses), O Amapá em Perspectiva dos autores Paulo Dias Moraes e Jurandir Dias Moraes (2005).

É de grande relevância ressaltar os autores José Augusto Drummond, PH.D. em Recursos Naturais e Desenvolvimento pela University of Wisconsin, Madison, EUA, professor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e Mariângela de Araújo Póvoas Pereira é mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, colaboradora da Unidade de Gestão Ambiental e Difusão e Popularização da C&T da ABIPTI. Os mesmos não são amapaense, mas contribuíram com uma relevante obra intitulada: O Amapá nos Tempos do Manganês – 1943-2000, lançada em 2007.

Tive a oportunidade de trabalhar com essas referências no curso de licenciatura em Geografia na Universidade Vale do Acaraú, na Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café e no IFAP, porém precisei adaptar a linguagem quando voltei o olhar para o Ensino Médio Integrado. Isto foi bem interessante, porém não foi possível continuar a produção desse material de apoio, devido às poucas condições materiais e de pesquisas. Por isso, abraço a responsabilidade de trazer para a ciência essa reflexão, a

qual é visível à necessidade de se analisar os conteúdos de geografia do Amapá trabalhados nos cursos técnicos integrados, pois a prática docente se encontra numa crise curricular, uma vez que o desejo de se trabalhar conteúdos próprios para o curso técnico integrado é abafado pela pouca quantidade de material de apoio.

Assim, o que se desenvolve em sala de aula é, na grande maioria, a geografia geral e do Brasil. Um fator que vem reforçando essa prática é o conteúdo programático para o ENEM, onde foi excluído a geografia local, sobretudo dos estados da região norte. Na Escola Estadual Prof. Almeida Café, os professores decidiram excluir, por conta desse fato, a geografia do Amapá.

Portanto, esse evento tem levado alunos e professores a não acharem mais interessante trabalhar a sua própria história e, dessa forma, fica um lapso considerável do conhecimento dos arranjos espaciais locais, que vai trazer como consequência a falta de compreensão do contexto espacial em suas várias escalas. Dessa forma, não importa mais os conteúdos sobre o espaço local porque não é assunto do ENEM. O professor A¹ (2014) reforça dizendo:

Outra crítica que eu faço diz respeito ao fim do vestibular. Por que? Quando nós professores sentamos para organizar o conteúdo programático do ano letivo, o Amapá ficou de lado, porque não é mais cobrado pelo ENEM. Então, há um retrocesso, infelizmente, porque antes, quando tinha o vestibular para as universidades locais era cobrado vários conteúdos próprios da geografia do Amapá, e, agora, o Amapá só entra no contexto nacional ou regional.

O professor acredita que essa generalização de conteúdos cobrados pelo ENEM vem fazendo com que se trabalhe cada vez menos nas escolas, conhecimentos voltados sobre o espaço local. Ele acrescenta que:

Houve uma discussão na semana pedagógica onde me posicionei contra a retirada do conteúdo de geografia do Amapá, mas fui voto vencido, e os conteúdos sobre o Amapá que trabalhavam ecossistemas, a agropecuária, a história foram deixados de lado.

De certo, não faço uma crítica à extinção do vestibular, mas ao fato do empobrecimento do currículo da geografia local. Povo que não conhece seu espaço é um povo sem memória, sem identidade. Por isso, os cursos técnicos integrados não devem criar uma identidade a partir das exigências do ENEM, uma vez que o mercado de trabalho que absorverá a grande parte dos alunos é o local. Sendo assim, torna-se essencial o conhecimentos de aspectos políticos, econômicos, sociais e naturais do lugar que se vive. Então, com esse fato a crise curricular se intensifica, pois além de quase não se ter acervos de geografia do Amapá, agora, por conta do ENEM, os professores chegam a optar em abolir os conteúdos dessa vertente da geografia.

Uma prática pedagógica voltada para a pesquisa in lócus, apoiada em um bom material pedagógico pode fazer a diferença no processo ensino aprendizagem. Precisei coletar dados em vários órgãos de pesquisas e nos acervos existentes para desenvolver uma metodologia bastante significativa. Foi o que experimentamos no projeto interdisciplinar “Macapá ao Laranjal do Jari: duas realidades do Cenários Amapaense”, com alunos do 1º ano do curso Técnico em Alimentos na forma integrada.

Dessa forma, procuramos, a partir das leituras e atividades propostas pelo PPGA, desenvolver o referido projeto de pesquisa, que por sua vez foi construído para ampliar o conhecimento sobre o objeto de estudo desse trabalho. Ou seja, está explícito

nas atividades a serem desenvolvidas o que se coloca desde o início como foco da nossa pesquisa: A produção bibliográfica de geografia do Amapá utilizada no IFAP, Câmpus Macapá, e na Escola Estadual Professor Gabriel Almeida Café aborda questões específicas e próprias desse estado de maneira regionalizada num contexto sociocultural e atende as necessidades pedagógicas de professores e alunos?

Assim, mesmo não tendo sido possível desenvolver o referido projeto com os alunos da EEPGAC, decidimos por em prática uma breve experiência com os alunos do IFAP com o propósito de construir conhecimento sobre, as características do espaço amapaense no que concerne ao trecho escolhido pelos alunos e, também, a respeito do trabalho interdisciplinar, contextualizado e regionalizado.

3. CAPÍTULO III – REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ: O CASO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DE MACAPÁ AO LARANJAL DO JARI

3.1. Contexto da atividade pedagógica

Neste capítulo, procuramos experimentar a prática com projeto interdisciplinar a luz do que se entende sobre a teoria da complexidade e da interdisciplinaridade. Queremos deixar claro que nossa metodologia não se baseia nas teorias acima citadas, mas a base conceitual das mesmas foi enriquecedora para a reflexão pedagógica que nos propusemos.

Através de uma atividade proposta pelo PPGEA, na disciplina Teorias e Práticas Educativas: Teoria da Complexidade e Educação, fomos motivados, a partir dessa nova tendência pedagógica, a analisar e interpretar o nosso objeto de estudo a cerca da relação que existe entre os elementos que compõe o processo ensino e aprendizagem, tais como: aluno/professor, conhecimento/nota, disciplinaridade/interdisciplinaridade entre outros.

No tocante ao processo pedagógico em geografia, acreditamos que relacionar os acervos orais dialogicamente com o conhecimento científico torna nosso trabalho mais significativo. Mas, além da experiência que tivemos com a prática interdisciplinar tivemos a oportunidade de experimentar aulas de geografia *in lócus*, onde os alunos tiveram autonomia para construir seus próprios textos, imagens e, também desenvolveram a capacidade de interação em grupos, em ambientes completamente diferentes do de costume.

A respeito da experiência acima citada, Santos (2010, p. 53), contribui largamente falando que “conhecimento não se transfere, se constrói”, pois a mesma diz que:

A construção do conhecimento se faz a partir do autoconhecimento, do crescimento interno para chegar a uma consciência da realidade que o rodeia. O conhecimento se constrói por força da ação do sujeito sobre o mundo real e pela repercussão deste último sobre aquele.

Dessa forma, ousamos construir caminhos pedagógicos que nos levou a sair do que já estava pré-estabelecido em sala de aula para vivenciar a realidade fora desse ambiente. Santos (2010, p.58) explica esse tipo de praxe pedagógica dizendo que “as informações ou aulas de professores só se tornam significativas quando afetam a estrutura conceitual elaborada para interpretar e reagir diariamente frente ao fenômeno e circunstância da vida”.

Assim, o projeto interdisciplinar De Macapá ao Laranjal do Jari foi executado no final de novembro de 2012, com a participação de professores de variadas disciplinas, e, também, de alunos e servidores os quais faziam parte da coordenação de turno e do setor de saúde.

Ao decidirmos todos os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do projeto, optamos em deixar os alunos envolvidos a escolherem o local para estudo. Os mesmos optaram em pesquisar o trecho que vai de Macapá ao Laranjal do Jari, daí a origem do nome do projeto. Os alunos escolherem esse tema por que os mesmos acreditavam que iam encontrar uma grande variedade paisagística de Fauna e flora, e também queriam conhecer melhor o referido trecho.

Nós, enquanto pesquisadores, aceitamos o desafio por vários motivos. O primeiro, por conta do aprofundamento das leituras e desenvolvimento das atividades

propostas pelo PPGEA. Segundo por que nosso objeto de estudo é o processo ensino e aprendizagem em geografia do Amapá e o livro didático. E, por conta deste segundo, fomos levados a investigar mais sobre o acervo da geografia local, bem como as possibilidades metodológicas que venham atender as necessidades pedagógicas dos alunos e, também dos professores.

Aceitado o desafio, procuramos organizar o trabalho em quatro momentos, que serão comentados no próximo tópico deste trabalho. As fases do projeto se deram na realização de pesquisas bibliográficas; reunião pedagógica com os pais ou responsáveis dos alunos; viagem de campo (pesquisa in locus) e apresentação dos trabalhos em sala de aula.

Através de nossa prática docente percebemos que o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, provocam no aluno maior estímulo pelo conhecimento e habilidades em resolver problemas, e, no professor a necessidade de superação metodológica e aquisição de novos conhecimentos. A respeito dessa questão Vasconcellos (2000, p. 48) escreve que,

A partir de uma concepção dialética de educação, supera-se tanto o sujeito passivo da educação tradicional, quanto o sujeito ativo da educação nova, em direção ao **sujeito interativo**. Aqui, o professor tem resgatado seu papel substancial, pois não fica na posição de esperar a criança “amadurecer”, mas pode ajudar a criança pela interação, uma vez que, como afirma Vygotsky, *a boa aprendizagem se antecipa ao desenvolvimento*.

Ainda que saibamos que se faz necessário nos tornarmos sujeito que devem interagir com a realidade vivida, o construto de uma práxis pedagógica a partir de uma proposta curricular dialética, é um grande desafio. Primeiro porque falta às instituições de ensino estrutura para tal, e segundo se faz necessário que haja na mesma não somente professores interessados em desempenhar atividades dessa natureza, mas a gestão da escola deve conceber que esse tipo de prática é de grande relevância para que se possa fortalecer a prática docente e, construam metodologias que leve, sobretudo os alunos a serem mais protagonistas de sua aprendizagem. Ou seja, a gestão precisa apoiar a referida prática pedagógica.

Portanto, com o propósito de aprofundar nossa reflexão a cerca do que propusemos em desdobrar nesse trabalho, acreditamos que seja relevante abordar o movimento de mudanças teórico metodológica da geografia a partir do final do século XX e relacioná-la com o projeto pedagógico em foco. Ou seja, perguntamos a nós mesmo: a forma que pensamos o projeto se encaixa em quais correntes geográficas? Nos reconhecemos como docentes que trabalham uma pedagogia dialética-libertadora? A nossa prática ao executarmos o projeto expressa isso?

3.2. O projeto desenvolvido e a prática docente significativa.

Continuamos nossos estudos a cerca da temática deste trabalho explorando o que se tem sobre o processo ensino e aprendizagem de geografia e sua trajetória de mudanças teórico metodológicas. Ao escolhermos trabalhar numa linha pedagógica libertadora, buscamos o objetivo de proporcionar maior significado à aprendizagem dos alunos. Sendo assim, seria uma prática tradicional quantificar dados? Estaríamos errados em descrever o espaço geográfico estudado? Nossa avaliação teria que se basear nos assuntos que caem nas provas do ENEM?

A medida que nos apropriamos do conhecimento sobre as categorias de análise da geografia, e, sobretudo aprofundamos as noções de totalidade e de formação social podemos dizer tranquilamente que devemos fazer tudo o que dito acima: quantificar, descrever, explorar assuntos do ENEM, enfim, tudo isso é importante, mas deixaria de ser se tivéssemos trabalhado de forma estanque, sem contextualização histórica e espacial e, finalmente, sem enxergar no aluno a capacidade que ele tem em superar as suas dificuldades.

Das categorias de análise da geografia o que mais nos chamou atenção foi à análise do espaço geográfico a partir das noções de totalidade e de formação social. Esse estudo que se faz sobre a geografia seja em qual for à escala, uma vez que o mesmo se baseia numa análise de ordem histórica, espacial e social, permite à todos maior entendimento sobre a realidade estudada.

Os alunos foram felizes quando escolheram conhecer melhor o município de Laranjal do Jari, pois foi um momento privilegiado para entendermos as diferenças espaciais que existem entre Macapá e o referido município através das atividades propostas no projeto. Santos (2008, p. 236) discorre sobre a importância da noção de totalidade e formação social dizendo que,

Dominado por um modo de produção, o mundo cria objetos segundo uma certa *ordem histórica*, uma história que envolve a totalidade dos países. É através de cada Formação Social que se cria e recria, em permanência, uma *ordem espacial*, de objetos que é paralela à ordem econômica, à ordem social, à ordem política, todas essas ordens atribuindo um valor próprio particular, às coisas, aos homens e às ações promanando dela.

Esse tipo de visão a cerca do pensamento geográfico produziu no Brasil uma série de discussões, sobretudo no que diz respeito ao processo pedagógico em geografia. A partir da década de 1980, essa situação provocou uma necessidade de reforma curricular e conseqüentemente se discute as abordagens teórico-metodológicas da época (a geografia teórica quantitativa) em confronto com as novas (movimento de renovação da geografia nas escolas), sobretudo no que concerne ao que se denominava de Geografia Crítica. A respeito dessa questão, Pontuschka (2009, p. 71) diz que,

Apesar de a “Geografia Crítica” ter surpreendido os professores do Estado de São Paulo, impacto maior deu-se entre aqueles de outras partes do Brasil. No I Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor, realizado em Brasília em 1987, alguns dos professores idealizadores da proposta explicitaram suas posições teóricas e a necessidade de novas metodologias para a compreensão do espaço geográfico, com base em uma ciência que, dialeticamente, buscasse a integração do arranjo espacial com as relações sociais existentes em cada momento histórico.

Nesse contexto percebemos uma crise instaurada, pois os professores de geografia sentiam a necessidade de reavaliar suas metodologias deixando pairar uma série de dúvidas, como: o que ensinar? Como ensinar? E como avaliar? A base dessas reflexões estava sob a chamada Geografia Crítica.

Foi, então, na década de 1990 que o MEC instituiu uma comissão de professores para reformular os novos parâmetros curriculares e, nesse período também é lançado a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96. Prevê-se um currículo que

viesses atender a diversidade regional brasileira, mas o fato é que as propostas curriculares foram construídas, na maioria, por professores da região sudeste.

Ao relacionarmos essa realidade, relacionamos com as escassas informações sobre a geografia da região norte nos livros didáticos, sobretudo a geografia local. Indagamos que, como pode ficar sob total responsabilidade da região sudeste desenvolver textos de geografia com uma linguagem própria de outra região? Por mais esforço que se faça, se faz necessário os governos e editoras investir mais na produção de materiais pedagógicos regionalizados.

Atualmente, observam-se os esforços da maioria dos autores que produzem material pedagógico de geografia, em se trabalhar textos mais regionalizados e contextualizados, mas de certo essa preocupação não atingiu satisfatoriamente as necessidades dos professores da região Norte. A respeito do que falamos o professor B (2012) relatou, a partir de suas longas experiências em sala de aula que,

Para algumas escolas estaduais ela é trabalhada na disciplina projetos, porque daí o aluno passará a desenvolver a tipificação da cultura, a questão do espaço social, político e econômico do Estado. Seria bom verificar por que essa especificidade dos livros didáticos em não trabalharem a contextualização da região norte, em especial o Amapá, e quando deveria, a gente sabe que os livros didáticos atribuídos aqui no nosso estado é voltado pura e exclusivamente para o sul e o sudeste. Os exemplos são sul e sudeste, porque é um mundo globalizado, mas e o restante do espaço (o norte, por exemplo), porque que também não é levado a trabalhar uma geografia do Brasil, quando se retrata essa questão da regionalização.

Ao analisarmos essa questão, concluímos que a prática de projetos em geografia do Amapá vem amenizar as necessidades do professor quanto à falta de livro didático nessa vertente da geografia. Durante as pesquisas, 51% dos alunos do 3º ano de cursos técnicos na forma integrada optaram pela prática de aulas com visitas técnicas (gráfico 6), pois os mesmos externalizam a necessidade de se construir conhecimento unindo teoria e prática.

Portanto, no final da execução do projeto podemos perceber, enquanto educadores, que estamos no caminho certo, pois esse tipo de trabalho enriquece o processo ensino e aprendizagem dando ênfase não tão somente para o ensino, mas a pesquisa e a extensão no intuito de se promover um processo de construção de conhecimento a partir do uso de boas fontes de pesquisas e a sistematização futura de um bom material pedagógico.

3.3. Procedimentos metodológicos do projeto interdisciplinar

Como foi dito sistematizamos o projeto em quatro momentos.

O primeiro consistiu em resgatar, catalogar, organizar e interpretar textos relacionados com a Geografia do Município de Laranjal do Jari: a localização do município, o número de áreas verdes, estabelecimentos comerciais, órgãos administrativos, lazer, escolas, postos de saúde, igrejas.

No segundo momento, realizamos em sala de aula à leitura do projeto de pesquisa. Logo em seguida foi organizada uma reunião com os pais dos alunos, com os alunos, com a Coordenação pedagógica e de curso para que o projeto fosse apresentado e, também que não viesse ocorrer nenhum impasse durante a execução do projeto.

No terceiro momento, foi executado o projeto com saída do Câmpus Macapá para o município de Laranjal do Jari, onde foi feito um estudo de caso na área urbana da cidade. Os alunos foram instigados a fazerem uma análise sobre os aspectos ambientais desde o início da viagem, onde foram feitas várias paradas para tirar fotos e, também sentir de perto a paisagem local. Na cidade de Laranjal do Jari os mesmos continuaram o processo investigativo analisando a situação socioeconômica do lugar. Também foi explorado o município fronteiriço Monte Dourado-PA, onde fizemos um trajeto de ônibus na cidade de Almerim-PA.

Para avaliar o trabalho, foi pedido um relatório das atividades desenvolvidas e a apresentação de seminários em sala de aula sobre o que havia sido pesquisado e, também um debate sobre a aula de campo. O projeto foi idealizado para atender as necessidades pedagógicas dos professores envolvidos que, por assim dizer, envolve o desejo de se construir um processo de ensinagem mais significativo e, sobretudo, interdisciplinar.

Essa proposta faz uso de metodologias que se baseia na pesquisa qualitativa, um estudo de caso e a pedagogia de projetos. E, sobretudo, foi produzido um acervo oral por parte dos alunos e professores que serviu como contribuição metodológica para nossas pesquisas. Entendemos que essa experiência, foi motivadora para novas trabalhos.

Portanto, ao aceitarmos o desafio de trabalhar dessa forma, reconhecemos que é a partir do desenvolvimento de competência pautada na proposta do “aprender a aprender” e desvinculada da concepção tradicional de “aprender a fazer, fazendo” que, atingimos nosso propósito. A seguir apresentamos os resultados do projeto de pesquisa, a partir da fases citadas neste tópico.

3.4. Resultados do Projeto Interdisciplinar

Primeira fase: Seleção dos textos relacionados com a Geografia do Município de Laranjal do Jari (a localização do município, o número de áreas verdes, estabelecimentos comerciais, órgãos administrativos, lazer, escolas, postos de saúde, igrejas) para fins de Resgatar, catalogar, organizar, analisar e interpretar os dados obtidos.



Figura 1: Localização do Município de Laranjal do Jari

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Laranjal_do_Jari Acesso em 2012.

Em sala de aula, durante o 3º e 4º bimestres, foram trabalhados textos sobre a localização, Aspectos físicos, políticos, econômicos, sociais e ambientais do Amapá. Em seguida, foi pedido aos alunos pesquisarem em sites do IBGE, IEPA, IMAP entre outros sobre o município de Laranjal do Jari. Essas informações foram socializadas em sala de aulas.

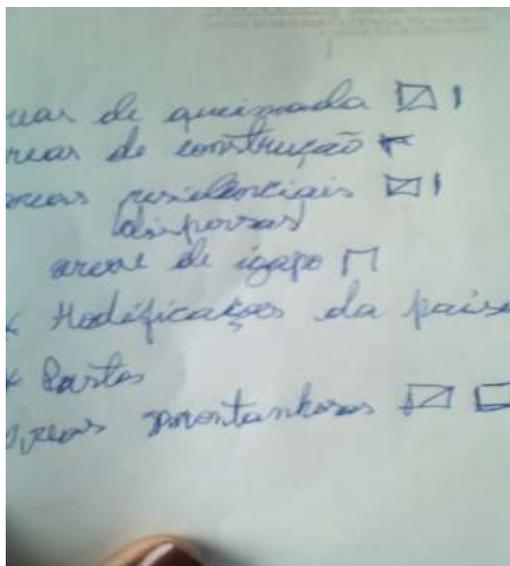


Figura 2 – Alunos catalogando e tabulando dados sobre Laranjal do Jari
Fonte: Arquivo de MOURA. S. A. U. (novembro, 2012)

Segunda fase: Sistematização das atividades previstas a partir da leitura do projeto de pesquisa, em sala de aula.

No momento da leitura do projeto, os alunos vibravam com a ideia de sairmos para campo, visitar lugares diferentes e compartilhar essa experiência na turma. Era motivo de muita festa. Isso me faz lembrar o que Rubem Alves diz em Os quatro pilares, quando fala da inteligência. O mesmo a compara metaforicamente com um pênis, pois ambos só funcionam por estímulo. Parece estranho, mas Alves (...., P.20) diz:

...eu poderia sugerir que a função do professor e da professora é aquela função do Kama Sutra. O professor e a professora são erotizadores da inteligência. Fazer a inteligência desejar, porque quando ela deseja, ela faz as coisas mais extraordinárias. Tudo o que nós fizemos no mundo, tudo, qualquer coisa, foi produto de uma inteligência erotizada.

O ápice dessa afirmativa de Rubem Alves se deu nesse trabalho, quando os alunos apresentaram em sala de aula o que fizeram e, sobretudo, a turma que antes era desunida criou laços mais fortes de amizade. Isso foi extraordinário. A partir da reunião que envolveu os pais dos alunos, os alunos, as coordenações, pedagógica e de curso e, os serviços de enfermagem, foi possível repassar o que se tinha planejado para a execução do projeto. Essa experiência foi bem interessante, pois foi um momento de interação com os pais dos alunos que nos possibilitou tirar um “raio x” da turma a partir das preocupações dos mesmos, para com a saúde dos seus filhos.

Os pais demonstraram muita preocupação quanto ao fato de seus filhos irem para tão longe, mas confiaram em mim, na nossa equipe de trabalho e na instituição. Porém, foi durante a viagem e, principalmente no retorno que foi possível conhecer mais os alunos.

Algumas alunas passaram mal de asma. Um aluno surpreendeu a todos, enviando uma mensagem que queria se matar. Imediatamente, eu e a enfermeira do Instituto Ieda procuramos resolver as situações. Depois de uma conversa em particular com o aluno da mensagem suicida, ele demonstrou estar mais calmo. O mesmo pedia desculpas pelos transtornos e disse que foi apenas uma brincadeira. Mesmo assim ficamos de sobreaviso.

No retorno da viagem, por volta das 17h o ônibus quebrou o motor. Ficamos aguardando o resgate que só chegou à 00h. Foi um momento tenso para todos, mas de grande aprendizado. Alguns alunos (as) aprenderam a controlar seus medos e nós como equipe coordenadora aprendemos como lidar com esse tipo de situação, uma vez que era uma experiência nova para todos.

Esse foi um momento de Aprender a aprender, pois ninguém tinha respostas prontas para a situação vivida, mas muitas perguntas como: o que poderemos fazer para buscar ajuda? Como posso ajudar o meu colega que passa mal? De que forma podemos aproveitar esse momento no meio da estrada rodeada pela floresta amazônica? Era um momento de grandes dificuldades. Não esperávamos por esse incidente. Todos procuravam se ajudar mutuamente. Quando chegou o ônibus para nos resgatar, todos ficaram aliviados e trouxeram consigo uma quantidade de novos conhecimentos, muito embora de maneira indesejável.



Figura 3 – Atoleiro durante a viagem ao Laranjal do Jari
Fonte: Arquivo de MOURA. S. A. U. (novembro, 2012)

Terceira fase: Execução do projeto com saída do Câmpus Macapá para o município de Laranjal do Jari Levantamento de dados (observação e entrevistas semiestruturadas e abertas).



Figura 4 – Mapa rodoviário do Amapá

Fonte: <http://asnovidades.com.br/mapa-do-amapa-para-colorir/> (Acesso 2012)

O mapa acima mostra o trecho rodoviário percorrido. A nível de localização, o município de Laranjal do Jari está na região sudoeste, a margem esquerda do rio Jari, que separa o Estado do Amapá do Estado Pará. Limita-se com os municípios de Vitória do Jari, Mazagão, Pedra Branca do Amapari e Oiapoque; com o estado do Pará e ainda com os países Suriname e Guiana Francesa.⁵ Durante o percurso fizemos uma viagem tranquila, onde a maior companhia foi à paisagem típica do ecossistema campestre amapaense.



Figura 5 - Alunas do 1º Ano do Curso Técnico de Alimentos, saindo de Macapá ao Laranjal do Jari. Fonte: Arquivo de MOURA. S. A. U. (novembro, 2012)

Nessa fase do projeto a turma se dividiu em cinco equipes de seis a sete componentes. Cada equipe se responsabilizou de fazer o levantamento de dados socioeconômico e ambiental da rua principal Tancredo Neves. Foram feitas cinco equipes onde as mesmas nas direções leste – Oeste, Oeste-Leste e Norte, iniciaram os trabalhos de observação, anotação de dados, entrevistas abertas e fotos.

⁵ MORAIS, P. D. e MORAIS J. D. O Amapá em Persctiva. Macapá: Gráfica J.M., 2005.

Esse trabalho foi ainda mais enriquecido com o depoimento de um ex-trabalhador da Jari Celulose, pois o mesmo confirma o trabalho escravo que existia desde a implantação do projeto. O Projeto Jari surgiu do interesse do megaempresário americano Daniel Keith Ludwig em plantar uma árvore que tivesse um crescimento rápido e pudesse gerar uma demanda de madeira a nível comercial. Ao procurar o local para o plantio, o mesmo escolheu a área do Jari (a Jarilândia), que pertencia a um grupo de comerciantes portugueses. LINS (1997, p.62) escreve que,

Os primeiros movimentos empresariais de Ludwig na Amazônia aconteceram no início do ano de 1967, na cidade de Belém...reuniram-se no Rio de Janeiro com o então presidente da República Castello Branco e com os ministros Octávio Gouvêa Bulhões, da Fazenda e Roberto Campos, do Planejamento. Nesse encontro Ludwig demonstrou seu plano e teve do governo a promessa de todo o apoio necessário, pois o governo via no empreendimento a criação de um pólo de desenvolvimento para a Amazônia.

No intuito de entendermos como se deu a implantação do referido projeto, entendemos que seja pertinente fazermos uma pequena abordagem histórica. A empresa CONTERPA (Construção, Terraplanagem e Pavimentação S.A) do engenheiro paraense Rodolfo Pereira Dourado foi a que ganhou a concorrência, onde implantou as margens do rio Jari um acampamento básico no intuito de iniciar os trabalhos do grande projeto florestal de Daniel Ludwig. Nesse contexto LINS (1997. P.87) afirma que “Quanto ao trabalhador do próprio país, todos os Estados tinham representantes, porém o Maranhão era o de maior representatividade”.

Durante os trabalhos, tivemos a oportunidade de entrevistar um antigo trabalhador da empresa Jari aos 31 de novembro de 2012. Nesse contexto histórico-espacial o entrevistado relata um pouco de sua passagem na fábrica como trabalhador. Percebemos na fala do mesmo, sua repulsa quanto a forma que foi tratado no alojamento da referida empresa. A respeito da sua experiência de vida nesse local ele disse que,

Fui pra Laranjal do Jari em 1977. Imigrante do Maranhão e tenho título de cidadania amapaense. Foi com grande dificuldade que cheguei até Laranjal do Jari. Cheguei numa região de mata fechada, serrana chamada Pilão por contato da empresa a partir das empreiteiras, ainda na época de Daniel Ludwig. Ofereceram trabalho, deram bota, facão, luva, prato, colher, copo, esmeril, tipo um kit de trabalho para o campo.

Percebemos que nessas bandas do Amapá, houve muita exploração por parte das empresas estrangeira. No debate com a turma em sala de aula abordamos essa questão contextualizando historicamente a formação socioeconômica do povo do norte no período desenvolvimentista. Na década de 1970, quando nosso entrevistado chega no Laranjal do Jari se vivia no Amapá uma política voltada para atender os interesses econômicos dos grupos empresariais, sobretudo das grandes empresas.

Concomitante a isso, a mão de obra barata ia chegando em busca de emprego nos alojamentos das empresas e não existia por parte do poder público investimentos no setor social para atender os cidadãos que viviam a margem do rio Jari. Ao contrário, sentimos na fala de nosso entrevistado um descaso total para com a sua estada enquanto trabalhador. A respeito disso, o mesmo dizia que,

A comida era a base de conserva, ovo e frango sem muito tempero (água e sal). Morava em alojamento aberto, coberto de lona, feito com piso de cimento. Cheguei devendo três carteira de cigarro. Trabalhei 18 dias, mas o capataz era muito mal, o serviço muito do ruim, era um juripirão (matagal) muito grande, então pedi pra mim embora de volta, mas eles me disseram que eu só podia retornar pra minha casa depois de 90 dias. Mas como eu não gostei do trabalho tinha vontade de ir embora, ganhava muito pouco, a comida era ruim, mas éramos impedidos de sair do alojamento. (Dados obtidos em 2012)

Uma outra característica dos trabalhadores do campo, mais especificamente os que trabalham na floresta amazônica é o trabalho escravo. Tal como aconteceu no ciclo da borracha, quando os trabalhadores, por necessidade compravam alimentos, e outros utensílios, fiado a um valor superfaturado, chegavam no final de cada mês mais endividado, e era obrigado a trabalhar mais para pagar a sua dívida. Diante dos relatos, sentimos a necessidade de perguntar de que forma ele conseguiu sair do alojamento. O mesmo respondeu dizendo:

Mas teve um dia, às três horas da tarde, chuva grande, no meio de galhos cecos e cansado de tanto trabalhar me joguei de cima do matagal. Fui acudido e o capataz me levou para o alojamento. Eu imaginei que se gritasse de dor eles me mandariam embora. Botei um paninho na virilha e disse que o médico havia falado que só com cirurgia. Mas o dono dizia que só podia sair com 90 dias porque estava devendo muito. Cheguei devendo apenas três carteiras de cigarro e naquele momento já tinha um grande saldo devedor. Queria muito sair daquele lugar. Através da encenação da queda consegui sair do alojamento, dizendo que precisava me tratar na cidade. (Dado obtido em 2012)

Estes fatos são esclarecedores para nossa pesquisa, no tocante ao que se refere a necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado do espaço vivido, e a partir do método da história oral foi possível analisar as experiências vividas do povo com o que tem nos registros científicos. Porém, acreditamos que o acervo oral levantado por nossa equipe de pesquisa é muito rico em fatos sociais e, portanto são dignos de ser mais explorados em outros momentos por grupos de pesquisadores. Assim, Relacionamos o depoimento de nosso entrevistado com o que LINS (1997, p. 127) diz ao escrever sobre A Jari na Amazônia:

Mas voltando ao Beiradão, sua criação trouxe uma nova opção para o nosso caboclo ribeirinho, e ele não hesitou na escolha; pegou sua canoa, família e os sirimbabos (animais que o amazônida cria em casa, como papagaio, periquitos, pequenos macacos etc.) e partiu em busca de melhor sorte. Pagou um alto preço com a mudança; passou fome e alguns dos seus filhos e filhas se perderam no mundo corrompido das cidades.

Apropriados desse conhecimento, continuamos com nossas investigações na descrição, análise e interpretação de dados a partir das equipes de pesquisas. Cada

equipe tinha um professor orientador. Iniciamos essa divisão antes de entrar no ônibus. Fizemos uma chamada por equipe com o seu devido orientador.

Podemos enxergar o desempenho dos nossos alunos e professores a partir da dedicação que tiveram em percorrer toda a área estudada para fins de reconhecimento da realidade. A tabela abaixo representa resumidamente todas as anotações feitas no percurso rodoviário.

Tabela 1: Resumo dos dados levantados do Percurso rodoviário – Macapá ao Laranjal do Jari

BR 156 – características	a) Vegetação / ocupação espacial
<ul style="list-style-type: none"> - Trecho precário de infraestrutura com perigo de atoleiros. Degradação ambiental: 18 focos de calor (queimadas). - Rio Vila Nova: corta a estrada. Próximo ao rio há um posto de saúde. - As condições da ponte construída no rio Vila Nova não eram boas, com necessidades urgentes de reparos. - Acessos precários para se chegar às reservas florestas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Grande área verde, com belas paisagens de floresta de Terra Firme. - Observamos grandes áreas devastadas, com queimadas, desmatamento e lixo ao redor. - Objetivo das queimadas: construção de moradias, plantio e implantação de pequenas indústrias madeireiras. - Observamos que no posto de saúde não havia água potável e os moradores reservavam água da chuva. - Observamos outros ecossistemas, na transição florística, tais como o cerrado e a mata de igapó, com área de pequenas elevações. Lá o solo é mais úmido. - Em seguida passamos pela Reserva Extrativista do Rio Cajari e pela pequena vila da redondeza. - Viagem longa. - Foi frequente nos depararmos com a seca dos rios; - No início do percurso o solo era seco, e no decorrer percebemos a presença da umidade.

Fonte: MOURA, S. A. U. (2012)

Seguindo nossa metodologia, exploramos os dados empíricos com os científicos e pudemos constatar a veracidade dos mesmos. Nosso trajeto, ilustrado na figura 4, adentra a parte ocidental do Estado. No que tange a belas paisagens com a presença da floresta de Terra Firme, Santos (2003, p. 55) aborda que,

É o ecossistema de maior proporção do espaço amapaense, ocupando aproximadamente 70% de seu território, tendo sua maior concentração na parte ocidental nos terrenos pré-cambriano, paleozoicos e terciários.

Com relação à degradação ambiental observada no trecho, acrescentamos aos livros de geografia do Amapá um pequeno crescimento da ocupação urbana rural nessas áreas. De fato, os desmatamentos ocorrem pelos motivos apontados na tabela 2. Santos (2003, p. 56) acrescenta, sobre esse assunto, que,

No cenário ambiental amapaense, esse ecossistema, embora já apresente marcas de degradação, em decorrência da extração seletiva de madeiras, de atividades de colonização pioneira e de

garimpagem/mineração, ainda não apresenta um quadro crítico, tendo em vista a abrangência territorial desse ecossistema e a incipiente ocupação humana.

O dado obtido sobre o posto de saúde, onde não havia água potável e os moradores reservavam água da chuva, podem ser confirmados a partir do que foi publicado no site amapadigital (acesso em 2012), onde se lê que, “a comunidade conta com atendimento do serviço público do estado e com o apoio da Prefeitura municipal, embora os postos funcionem em precárias condições”.

A respeito dos dados sobre o domínio florístico e o solo, foram possíveis fazer visualmente as diferenças paisagísticas dos ecossistemas. Sobre essas diferenças podemos comparar ao texto de Moraes e Moraes (2005, p. 10) que escreve que “A cobertura vegetal do Amapá corresponde a vários ecossistemas: Floresta de Terra firme, floresta, floresta de várzea, mata de igapó, manguezal, cerrado ou campo”. Dentre os ecossistemas apontados pelo autor, apenas o manguezal não foi encontrado no trecho em estudo.

Com relação diferenciação da umidade do solo, que aumenta conforme a aproximação das áreas verdes se dá devido ao fato a umidade da floresta e a proximidade aos igarapés, rios e lagos. Porém, a característica do solo observado pelos alunos é de um solo tropical, pobre de nutrientes e ácido. A respeito desse assunto Santos (2003, p. 54) diz que,

Na verdade, os solos tropicais do Vale Amazônico, são, na maior parte distróficos (isto é: possuem baixa concentração de compostos minerais que servem de nutrientes para a vegetação). Existem algumas áreas de solos eutróficos (ricos em nutrientes), porém são pequenas em relação à extensão do território amazônico. Como o Amapá é parte desse contexto... Os latossolos vermelho-amarelo ocupam 50% de seu território e, além da baixa fertilidade, apresentam-se arenoso e argiloso. A baixa fertilidade e o alto grau de acidez constituem grandes limitações para o aproveitamento agrícola.

O fenômeno da seca dos rios, deve-se ao período de estiagem amapaense, pois estávamos no mês de novembro, tempo de poucas chuvas. Vale ressaltar que nossos rios são alimentados, também pelas águas pluviais. Segundo o site amapadigital (acesso 2012) “A estação seca inicia no mês de setembro e vai até a metade do mês de dezembro, quando podem haver temperaturas mais altas”.

Após a breve parada a margem do Rio Vila Nova, seguimos observando a paisagem. O acesso precário da estrada nos fez chegar à conclusão que pode interferir negativamente para o desenvolvimento do turismo no Amapá, onde possivelmente há uma diminuição de investimentos nesse setor, sem contar no encarecimento dos produtos vendidos nos municípios mais distantes da capital. A imagem abaixo revela as péssimas condições da estrada.



Figura 6 – Trecho com perigo de atoleiro.
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)

As questões levantadas em nosso trabalho foram fortalecidas pelas várias fotos, como um dos instrumentos de confirmação sobre o que é dito nos textos dos livros de Geografia do Amapá. De certa forma, também atualizamos informações que não constam nos referidos livros, como por exemplo alguns focos de incêndio e o crescimento da ocupação humana nas áreas interioranas do trecho percorrido. Como foi dito, durante o percurso foram registradas os domínios paisagísticos local, que se caracterizou pelo ecossistema campestre.



Figura 7 - Ecossistema campestre amapaense.
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)



Figura 8 – Cerrado amapaense.

Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)

As figuras acima foram registradas por nossa equipe e, expressam aos aspectos florísticos amapaense. A respeito dessa questão Santos (2003, ps. 55- 56) escreve que,

A vegetação de terra firme é explorada pela atividade madeireira. Além desse ecossistema é presente o cerrado, que se caracteriza por suas árvores dispersas com troncos que possuem cascos grossos e retorcidos. É um ecossistema de natureza campestre (com vegetação arbustiva e herbácea).

Percorremos seis horas de viagem, devido as condições da estrada. Ao chegarmos à cidade de Laranjal do Jari, organizamos melhor as equipes de pesquisa. As mesmas foram divididas por área em estudo. A tabela abaixo mostra essa organização, onde os alunos desenvolveram resultados bem significativos.

Tabela 2: Equipes de trabalho formadas pela turma 1012 do Curso Técnico em Alimentos.

Equipes de pesquisa	Local da pesquisa
1	Pesquisas do lado esquerdo da rua principal Tancredo Neves, sentido Oeste-leste.
2	Pesquisa em áreas alagadas.
3	Pesquisa do lado direito da rua principal Tancredo Neves, sentido Oeste-Leste.
4	Pesquisa a margem do rio Jari, sentido Norte.
5	Pesquisa do lado esquerdo da rua principal Tancredo Neves, sentido Leste-Oeste.

Fonte: MOURA, S. A. U. (2012)

A definição dos locais da pesquisa foi feito in lócus, pois ninguém conhecia o município a fundo, exceto um dos participantes. Mas, acreditamos que isso não interferiu nos resultados. Um dos critérios de escolha foi ter como referencial o local da pousada que estávamos alojados, no intuito de facilitar o encontro de todos ao final do levantamento de dados.

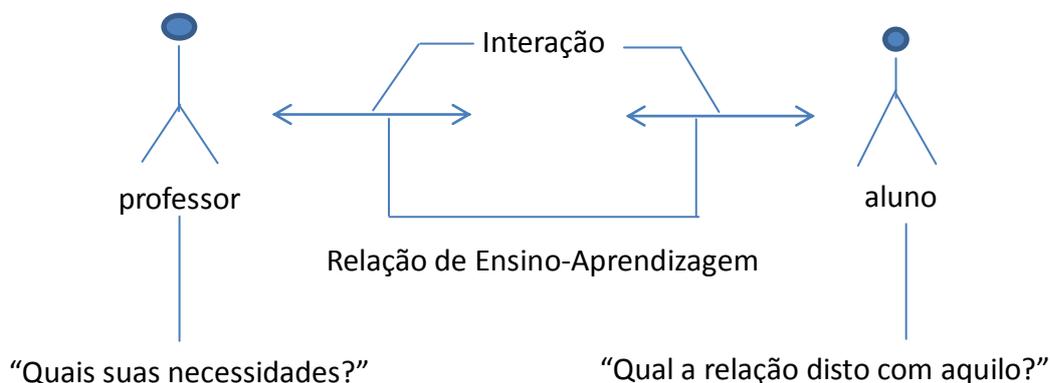
A localização da pousada era privilegiada, pelo menos para atender nossas necessidades de pesquisa, pois estava próxima ao rio Jari, as áreas de ponte, e à área comercial. Percebe-se que o espaço estudado trás como característica um híbrido de objetos naturais e sociais, reflexo do processo de produção econômica instaurado desde o início do século XX.

Foi possível perceber, pela divisão espacial por equipe de pesquisa que, àquele cenário tinha muito a nos dizer. As desigualdades sociais eram muito presentes, a relação íntima com Monte Dourado, também era reveladora, e a agressão ambiental somado as poucas condições de moradia da população era marcante. Um aspecto importante que podemos ressaltar foi o fato dos alunos relacionarem o que pesquisavam com o que está escrito nos livros de Geografia. Sem contar com a motivação que apresentavam para estudar, descrever e analisar o tema abordado.

Abrindo um parêntese aqui, podemos atribuir esse comportamento motivador à nossa mudança de postura, sobretudo na maneira de como estávamos avaliando nossos alunos, pois não estávamos preocupados com transmissão de conteúdos ou nota e, sim com aprendizagem dos alunos. Assim, nesse momento de nossa pesquisa aproveitamos para evidenciar que nossa preocupação é com as necessidades pedagógicas dos alunos, que por sua vez interferem na do professor.

Dessa forma, não é o processo pedagógico dialético-libertador que está sendo colocado dentro da aprendizagem do aluno, mas é o contrário. Estamos falando de algo vivo, que se transforma à medida que a exigências do mundo em que vivemos e a percepção científica sobre a educação também mudam. A respeito dessa perspectiva de ensino, e mais especificamente da Avaliação da aprendizagem, Vasconcellos (2000, p. 48) diz que,

Diante das dificuldades apresentadas na avaliação, a pergunta que o professor passa a se fazer é: **por que meu aluno não está aprendendo? O que posso fazer?** O que vislumbro é superar, ainda que em parte, esta alienação, à medida que o professor, como o coordenador do processo, está mais inteiro na relação pedagógica.



Esquema: Relação Pedagógica Dasalienada da Nota⁶

⁶ VASCONCELLOS, C. S. Repercussão para a prática pedagógica, p. 48.

Seguindo nossas análises in lócus, a tabela a seguir, mostra um levantamento de dados apenas na área delimitada para estudo. Assim, podemos dizer que existe em números totais em todo o município uma quantidade bem maior de órgãos públicos e privados, estabelecimentos comerciais, igrejas, serviços de hospedagens, escolas e áreas verdes. Mensurando a área estudada, dos 100% do município, fizemos um recorte de 1%, ou seja, pesquisamos somente o espaço urbano próximo ao rio Jari. Porém, apesar de o espaço pesquisado ser de uma pequena abrangência, é de grande significado para o projeto de pesquisa proposto para a turma.

Tabela 3 – Síntese das Pesquisa na área urbana de Laranjal do Jari.

Em terra firme	Quantidade	Nas pontes	Quantidade
Órgãos Públicos	07	Órgãos Públicos	04
Órgãos Privados	03	Órgãos Privados	04
Escolas	02	Escolas	01
Estabelecimentos comerciais	47	Estabelecimentos comerciais	23
Igrejas	03	Igrejas	04
Lazer (boates, casa de show)	03	Lazer (boates, casa de show)	00
Serviço de hospedagem	03	Serviço de hospedagem	01
Áreas verdes	02	Áreas verdes	01

Fonte: MOURA, S. A. U. (2012)

Segundo informações de moradores, nas escolas, postos de saúde e na prefeitura percebe-se a precariedade de funcionamento, tais como: A falta de aula por falta de professores e de energia, fato esse que leva crianças e adolescente optarem por estudar em Monte Dourado.



Figura 9- instalações da escola de 1º grau Vinha de Luz.

Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)

Tem apenas um posto de saúde com dois médicos (que as vezes não estão disponíveis). A coleta de lixo não é feita e estes são jogados nas ruas e também na área alagada, onde estão as palafitas proliferando doenças.



Figura 10- Coleta de lixo em Laranjal do Jari
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)

Não existe ensino superior, e sim o Ensino Técnico ofertado pelo IFAP Câmpus Laranjal do Jari. As pessoas que desejam cursar um ensino superior devem se deslocar à capital ou ao Monte Dourado. Foi Observado, também, as precárias condições das paradas de ônibus, estabelecimentos comerciais e residências com necessidades de reformas (precárias instalações).



Figura 11 – Vista da cidade no sentido Oeste –Leste (Margem esquerda do Rio Jari)
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)

A tabela 3 revela as pesquisas que fizemos a cerca dos serviços públicos oferecidos no local, a partir das entrevistas com moradores da comunidade. De acordo com o site amapadigital (acesso 2012) podemos ter uma noção geral dos serviços públicos ofertados.

Sobre a questão educacional, os moradores falam que a educação no município é precária, com falta de estrutura e de professores qualificados. Existem até casos de filhos de moradores ter que ir até Monte Dourado em busca de melhor qualidade de ensino. Existem a oferta de cursos técnicos temporários promovidos pelo SESC E SENAI. De acordo com o site amapadigital (acesso 2012) “No setor educacional, o município conta com 8 escolas municipais na zona urbana e 11 na zona rural, atendendo do pré-escolar à 4ª série do primeiro grau”.

Com relação à segurança os nossos entrevistados relataram que em todo município há apenas um posto policial que se localiza em um bairro chamado Agreste. Essa situação deixa a população sentindo-se sem segurança. Além disso, foi externado que a coleta de lixo não é feita todos os dias, e nas áreas de ponte não é realizada. Todos os moradores dessa área alagada devem trazer seu lixo até a rua principal (Tancredo Neves), pois há só um único caminhão de lixo. A água consumida não é tratada. Alguns moradores usam água do rio Jari, fato que os leva a ter problemas de saúde. A respeito dessa questão podemos encontrar no site do amapadigital (acesso 2012) que,

O setor saúde restringe-se a atendimentos de primeiros-socorros em postos de saúde. Os casos mais graves têm de ser encaminhados à capital. A Balsa Hospital Dr. Lélío Silva está parada. Apesar do abastecimento de água oferecido pela Caesa ter contribuído para o deslocamento da parte da população para o interior do município, onde existem terras mais adequadas e a ocupação humana, continua sendo precária ao longo do rio Jari, que apresenta aglomerado de casa de palafitas. Assim, o abastecimento de água tratada atinge apenas 40% da população. O saneamento básico na área é inexistente. Existe atualmente um projeto tramitando no BIRD, para investimento com fins a propor melhores condições de saneamento para o município.

Comentando um pouco sobre a questão do lazer, alguns moradores nos falavam que quase não têm opção. O que se tem em maior quantidade são os bares, boates e casa de show, além disso há muita prostituição. Acrescentando esse item, segundo nossas leituras a cerca dessa questão acessamos no site amapadigital (2012) que “O setor de lazer fica restrito a alguns balneários, três campos de futebol, pequenos bares e uma balsa flutuante. A cidade é desprovida de outros lugares públicos para o lazer e o acesso à cultura (praças, teatros e cinemas). Conta com uma biblioteca municipal”. Nossos comentários são expressos sucintamente na tabela abaixo.

Tabela 4 – Resumo das entrevistas com moradores da cidade

Serviços públicos	Situação
Educação	- Precária
Governo	a população externa que o governo deixa muito a desejar, pois os mesmos afirmam que estão insatisfeitos com a difícil situação.
Segurança	- Um posto policial em todo o município (na área do Agreste)
Saneamento Básico	- A coleta de lixo não é feita todos os dias. - Os moradores da área alagada devem trazer seu lixo até a rua principal (Tancredo Neves), - A água consumida não é tratada. - indícios de consumo da água do rio Jari.
Saúde	- precária - falta médicos (pois só tem um em todo o município)

Fonte: MOURA, S. A. U. (2012)

Em 01 de dezembro de 2012, as 7:30 atravessamos na balsa (porém, já era pra ter uma ponte, pois a estrutura existe mas não foi concluída) sem pagamento de taxa, pois não se cobra para esse serviço. Existe, também as catraias (outro tipo de embarcação parecida com uma voadeira), que apesar de pequenas são seguras, porém é cobrado um Real para cada três pessoas. As imagens abaixo demonstram um pouco dessa realidade.



**Figura 12- Ao centro, estrutura da ponte que ligaria Laranjal do Jari à Monte Dourado.
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)**



**Figura 13 – Catráia, pequena embarcação que faz o transporte de pessoas.
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)**

No percurso observamos as palafitas, algumas em estado de desabamento. A respeito disso, é importante compreender os motivos que levaram a esse arranjo espacial. Na verdade os empreendimentos do projeto Jari eram grandes, pois desde a 1969 se voltava para a produção de celulose, agropecuária (arroz e gado) e para a extração de caulim e bauxita. Dessa forma foi atraído muitos trabalhadores para essa região e, também pessoas que tinham objetivo de formar uma zona de prostituição. Sobre esse assunto, Santos (2003, p. 36) escreve:

Surge, portanto, um processo de favelização acelerado nesse município onde a maior parte da população passou a morar em palafitas das áreas conhecidas como “Beiradão” e “Beiradinho”, que são repletas de problemas onde a completa ausência de infraestrutura e a prostituição são os principais.

Assim, a partir do disposto, a empresa não oferecia qualidade de vida para todos os trabalhadores, exceto os qualificados, que moravam no outro lado do rio, ou seja, no município de Monte Dourado.



**Figura 14- Palafitas à margem esquerda do Rio Jari.
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)**

Ao chegarmos a Monte Dourado podemos ver a diferença do solo entre os dois municípios. O do laranjal do Jari é mais seco e escuro, já o de Monte Dourado é mais úmido apresentando coloração vermelho-laranja.



**Figura 15- Entrada da Cidade de Almeirim – Monte Dourado (PA). Ao lado da foto a aparência do solo.
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)**

Monte Dourado é uma cidade bem arborizada e bem projetada. A arquitetura das casas é de estilo americano, com um toque brasileiro. Um dos membros de nossa equipe de pesquisa, foi morador da cidade de Laranjal do Jari por 20 anos, e o mesmo relatou que Monte Dourado foi projetado para abrigar funcionários de uma empresa Jari, tal como está em nossos referências teóricos. As duas imagens abaixo, revelam as características acima citadas.



Figura 16 – Moradia da vila de Monte Dourado (PA)
Fonte: Arquivo pessoal de MOURA, S. A. U. (2012)



Figura 17 - Quadra esportiva do colegio Olimpus na vila Munguba-Almeirim-Pará-PA.
Fonte: AMORAS E. (2012).

As casas e os bairros eram divididos e classificados por categorias de moradores. Essa afirmação pode ser confirmada no livro Geografia de Santos (2003, p.37) onde o mesmo diz que,

Beiradão e Beiradinho aparecem como contrastes quando comparadas com as principais “Company towns” do projeto Jarí, localizadas no lado paraense do rio: Monte Dourado e a Vila de Munguba. Estas últimas contam com toda uma infraestrutura urbana necessária para abrigar os trabalhadores absorvidos pelo projeto.

No dia 18 de junho de 2014, aproveitamos para conversar com uma das alunas participantes do projeto interdisciplinar. A referida aluna, que hoje está no 3º ano do curso técnico de Alimentos, nos falou que o trabalho foi bastante significativo. Em sua fala, a mesma expõe que nunca irá esquecer os momentos vividos com seus colegas de turma, além dos conhecimentos adquiridos e construídos. Assim, a aluna relatou que:

Passaram-se dois anos, mas pra mim é como se fosse ontem. Está nítido na minha cabeça as informações, as nossas dificuldades e o nosso sucesso na apresentação dos trabalhos. O que foi mais difícil foi o acesso, a estrada, a poeira durante a viagem, o problema do ônibus no retorno. Mas, se a nossa professora me convidasse de novo iria na mesma hora desenvolver pesquisas com ela.

Construir conhecimentos a cerca da práxis pedagógica em geografia num contexto amapaense, e o esforço de iniciar uma sistematização de um material de apoio a partir de uma pedagogia libertadora, que vise dar continuidade às pesquisas já desenvolvidas, foi o grande motivo da realização do referido projeto. Mas, durante toda o processo de execução, foi possível experienciar o que se entende por “os quatros pilares da educação”: Aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (Rubem Alves). Na verdade nossa proposta também se baseia nessa vertente da pedagogia. Ao analisarmos nossas ações durante a execução do projeto sentimos que essa concepção de educação se associa aos vários momentos que vivenciamos o mesmo.

Para cada etapa do projeto, uma série de curiosidades surgia a respeito do espaço escolhido para pesquisa, e nesse contexto foi preciso que toda equipe de trabalho em conjunto com os alunos amadurecesse as relações interpessoais, a autoconfiança, a convivência, a criatividade, em fim, foram momentos de grande aprendizado. Essas múltiplas inteligências se revelaram nos nossos alunos a partir de um processo de interação entre todos os participantes da pesquisa. Sobre a questão das inteligências múltiplas Santos (2010, p. 56) aprofunda essa reflexão quando diz,

Na sua teoria sobre as inteligências múltiplas, Gardner (1994) expõe a ideia de que o desenvolvimento da inteligência depende da confluência de dimensões biológicas, pessoais e histórico-culturais, ou seja, depende de elementos como hereditariedade, fatores genéticos, história de vida, convivência e experiências familiares, professores e amigos, além de todo o *background* cultural e histórico.

No intuito de se compreender a tríade: cidadão – identidade – lugar, foi que se pensou em promover um processo de conhecimento do espaço vivido que cria essa identidade. Segundo os PCNS (1999, p.313) “o lugar possui densidade técnica, comunicacional, informacional e normativa”. Esse fluxo dinâmico da atuação humana no espaço se faz necessário uma análise constante dos fatores político, econômicos e sociocultural.

Esses estudos permitem um maior entendimento sobre as relações espaciais na sociedade humana, fato que visibiliza as relações de poder (conflitos e dominação), e de consenso. Tudo isso se fez presente durante as observações da paisagem local, as entrevistas, sobretudo a do antigo trabalhador da empresa Jarí, o uso de diversas linguagens entre outros.

Ao aprofundarmos a dimensão lugar que é foco de nossa pesquisa, retomamos aqui o que Santos (2008) fala sobre a mesma, pois este autor entende que a compreensão do micro deve ser entendida a partir da noção de totalidade, da formação social que permite hoje, enxergar a renovação da geografia como ciência social. Ou seja, para se compreender a geografia local se faz necessário analisar todo um processo histórico de produção e de organização social que se dá internacionalmente e nacionalmente para que se faça uma contextualização das especificidades locais. A respeito dessa questão Santos (2008, p. 236) diz que,

Dominado por um modo de produção, o mundo cria objetos, segundo uma certa *ordem histórica*, uma história que envolve a totalidade dos países. É através de cada formação social que se cria e recria, em permanência uma *ordem espacial* de objetos que é paralela a ordem econômica, à ordem social, à ordem política, todas essas ordens

atribuindo um valor próprio particular, às coisas, aos homens e as ações promanando dela. Por isso, a Formação Social constitui o instrumento legítimo de explicação da sociedade e do espaço respectivo.

No caso da formação histórica e espacial do município de Laranjal do Jarí, não pode ser diferente. É através de estudos de uma totalidade maior que se consegue enxergar os significados das relações políticas, econômicas, sociais e ambientais dessa região do Amapá. Foi num processo histórico, cuja relação de poder se dava em meio ao domínio americano no Brasil e em toda a América, a tensão da bipolarização e ao desenvolvimentismo amazônico, onde as ações governamentais se voltavam para os grandes empreendimentos econômicos, objetivando muito mais desenvolver a economia que a sociedade brasileira.

Durante nossas pesquisas, relacionamos o que Santos (2008) escreve com a um dos textos de um livro da geografia local. Mas, a linguagem usada pelo autor exige um nível de conhecimento, que de certo não é adequado ao Ensino Médio.

Não estamos dizendo que, os alunos não têm capacidade de entender o texto, mas segundo o que expressam o mesmo, não seria muito atraente ler textos com letras pequenas, de grande extensão e de difícil entendimento. Mas, entendemos que há a possibilidade de nós professores do nível médio Integrado, fazer essa transposição didática no intuito de atender as necessidades dos educandos. Percebemos durante as pesquisas que o espaço geográfico local reflete as relações de pobreza e desorganização urbana e, também as profundas desigualdades socioeconômicas se comparadas ao município de Macapá e Santana por exemplo.

Esses estudos, só foram possíveis e tiveram grande significado para o processo pedagógico devido ao fato de buscarmos atividades envolventes, instigantes e, consideravelmente, por conta do apoio do IFAP na realização das pesquisas. De certo, o envolvimento de todos que participaram desse projeto foi peça importante para que o mesmo acontecesse.

Entendemos que quanto mais próximos estiverem professores, alunos e gestores, melhor será os resultados escolares. Na verdade, acreditamos que o trabalho em equipe é um princípio de substancial importância para a construção de um processo pedagógico consciente e comprometido com a formação cidadã.

O conhecimento aqui construído foi compartilhado durante todo o desenvolver das pesquisas. Constituiu-se no esforço de sairmos do isolamento e passarmos a construir, ainda que inicialmente, o próprio material didático. Esforço esse, que nos impulsiona a coragem de desbravar novas metodologias e novos saberes.

Observando a realidade da educação e do ensino em Macapá e nas áreas ribeirinhas de Beiradão e Beiradinho, percebe-se uma desigualdade imensa. Enquanto nós, professores de Macapá buscamos melhores resultados na formação técnica de nossos alunos, em Laranjal do Jari falta professores e escolas.

Esse olhar mais claro da realidade educacional e social de crianças, jovens e adultos do referido município, nos foi mostrada por conta da realização de nossa prática pedagógica. Realidade essa que não podemos deixar de comentar e buscar maiores reflexões sobre a pouca participação cidadã dos ribeirinhos da margem amapaense do Rio Jari, como o direito a escola, moradia e emprego digno.

Essa pequeno recorte que fizemos do Brasil como foco de estudos de um processo de ensino e aprendizagem mostra a escola lugar privilegiado de formação de cidadãos conscientes das realidades que o cerca, pois segundo Santos (2011, p.05) podemos constatar que,

Privilegia-se a produção teórica e prática dos educandos/as, uma vez que fomenta a participação dos sujeitos e o convívio social. Estabelece contatos e sociabilidade. Produz regras, valores, hábitos e costumes, como por exemplo, na família, no bairro, no clube, na igreja, na escola, associações, entre outros espaços da sociedade civil organizada (GRAMSCI, 1968). A produção cultural e histórica é fruto dessas interações. O conhecimento emancipador não pode ser baseado apenas em mera exposição de conteúdos, lições e exercícios de fixação. Conhecer implica ir além das demandas da escola tradicional e conservadora. Conhecer implica um movimento recíproco entre educadores, educandos e demais sujeitos envolvidos com o ato de educar-se.

Portanto, é de grande importância, para o professor, enquanto formador de cidadãos conscientes, para o aluno enquanto cidadãos que precisam se sentir sempre agentes de sua própria história, para os pais enquanto responsáveis pela formação de seus filhos e para escola enquanto instituição responsável pela formação de uma sociedade instruída que garanta para a mesma, educação de qualidade e inclusão social para todos, a implementação de práticas pedagógicas significativas, que ajude a pensar o ensino e a aprendizagem como meio de se alcançar objetivos e superação de dificuldades, onde o velho se torna novo conforme as exigências da vida.

CONCLUSÃO

Buscamos nesse trabalho respostas para melhorar as aulas de geografia do Amapá no Ensino Médio Integrado, sobretudo no Instituto Federal do Amapá. Acreditamos que obtivemos êxito à medida que exploramos nosso objeto de estudo através de nossos referenciais teóricos e da nossa prática metodológica.

Durante as nossas investigações, descobrimos que é de grande relevância para o processo pedagógico da geografia a escolha de um método que esteja enraizado à mesma. Por ser uma ciência singular, percebemos que nela existe todo um referencial teórico-metodológico que permitem o trabalho pedagógico em sala de aula.

Diante dessa percepção, encontramos na pedagogia dialética-libertadora um dos melhores caminhos para construirmos uma geografia crítica que, permite-nos levar a um processo de ensino e aprendizagem que atenda as necessidades pedagógicas de alunos e professores e, que, também, nos leve a fazer uma análise consciente do uso do livro didático, principalmente no tange ao de Geografia do Amapá. Com relação a este último, nossas reflexões revelaram que o mesmo deve ser usado como um dos recursos pedagógicos e, que devem ser repensados e reeditados para atender as necessidades pedagógicas do Ensino Médio Integrado.

Acreditamos que o uso do método da história oral foi muito valioso para explorarmos a realidade aqui trabalhada. O processo lento que se deram as entrevista e aplicação dos questionários nos aproximaram do sentido do nosso objeto de estudo. Aprendemos a conversar com os sujeitos da pesquisa, a interagir com eles de maneira autêntica e ao mesmo tempo profissional. Isso permitiu que nossa pesquisa apresentasse um caráter qualitativo.

Percebemos que muito ainda temos que aprender sobre a temática em questão. Este sentimento nos motiva a voltar para campo e aprofundar ainda mais nossas pesquisas, até porque entendemos que isso é uma das principais características das ciências, ou seja, o que se conclui é início para novos estudos.

Quando buscamos compreender a relação das necessidades pedagógicas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio Integrado ao que o livro didático apresenta, percebemos que nossos alunos e professores vivem um mesmo dilema: A insuficiência de informações a cerca da geografia local. Outras variáveis surgiram no que tange essa questão, como, por exemplo, o pouco gosto pela leitura. Mas, entendemos que isso é passível de se resolver a partir de uma mudança de postura que, pode começar pela própria escola e, por conseguinte, a mesma procure estimular a leitura dos pais e dos alunos, uma vez que esse problema não é intrínseco ao aluno.

Outra ligação que fizemos nesse trabalho, para explorar a temática levantada foi no sentido de dar maior enfoque ao espaço agrário no currículo dos cursos ofertados pelo IFAP, no Ensino Médio Integrado. Se levarmos em consideração os aspectos paisagísticos do estado do Amapá, temos um espaço agrário muito extenso, por isso, entendemos que seja pertinente a preocupação em se explorar com ênfase no currículo dos cursos do Ensino Médio Integrado esse conteúdo.

O espaço agrário amapaense é um recorte fiel das potencialidades econômicas, das relações de produção que se destacam no cenário mundial e da pobreza local. Dialeticamente falando é a síntese dos contrários. De um lado grandes investimentos agrominerais, de outro a população trabalhadora que não é valorizada e desassistida de seus direitos de cidadãos.

Por conta disso, aceitamos o desafio de explorar na prática um pequeno pedaço do espaço agrário amapaense, a partir da execução do projeto interdisciplinar De Macapá ao Laranjal do Jarí, e, também, podemos conhecer melhor a realidade social da população da margem do rio Jarí e assim compreender os aspectos geográficos do lugar.

Podemos dizer que a execução do referido projeto foi um momento privilegiado onde refletimos, a partir de nossas práticas, sobre, qual ensino estamos desenvolvendo e, o que o aluno quer para si? Quais são as necessidades de aprendizagem de nossos alunos? E, que tipo de professor somos ou desejamos ser?

De fato, compreendemos que durante nossas pesquisas buscamos nos apropriar dos conhecimentos epistemológicos que permeiam o processo pedagógico, mas não de forma linear ou formal, mas, sobretudo, buscamos refletir sobre os caminhos que possam nos levar a superar nossas dificuldades.

Um das grandes dificuldades da ciência geográfica é a interdisciplinaridade. A causa disso é a questão do objeto de estudo. Por ter uma série de tendências teórico-metodológica, entender a geografia como uma ciência que se enriquece com a contribuição das demais ciências foi e é um exercício que por séculos muitos geógrafos não aceitaram e, alguns não aceitam até hoje.

Acreditamos que a questão de se prender à apenas a questão epistemológica não foi e nem é só da geografia. Possivelmente, isso pode consistir na dificuldade que têm os professores em desenvolver projetos interdisciplinares. Por isso, reforçamos que a experiência que tivemos em Laranjal do Jarí, incluindo o percurso da viagem, foi um grande aprendizado e uma proposta metodológica eficaz de se trabalhar a interdisciplinaridade e a geografia local.

Portanto, aprendemos que é necessário conhecer a realidade escolar, para podermos aferir e inferir sobre as possibilidades de mudanças benéficas no intuito de construirmos um processo pedagógico mais eficiente e eficaz. E, entendemos que para conhecer a referida realidade inclui, as estruturas filosóficas que norteiam a prática pedagógica na escola, as necessidades do aluno e professores e os recursos pedagógicos que a escola dispõe, para que as práticas docentes possam ser de qualidade. Porém, acreditamos que se a característica principal do fazer pedagógico não estiver centrada na responsabilidade de se construir um processo democrático, dialético-libertador, os resultados serão pouco satisfatórios.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALVES, Rubens. Os quatro pilares ?????

ANTUNES, Celso. **Um método para o ensino fundamental: o projeto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ALMEIDA, Maria Isabel de. “Cala a boca já morreu”! Com a palavra, os professores. Disponível em: <http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php/artigos/57-artigos/657-cala-a-boca-ja-morreu-com-a-palavra-os-professores>. Acesso em 2013.

BICALHO, Ramofly Santos. **Formação de educadores do campo**. In: MORAES, Marco Antonio de & OLIVEIRA, Olívia Chaves de. **Tecnologias, Linguagens e Educação: buscando diálogos, partilhando experiências**. Seropédica (RJ): Ed. da UFRRJ, 2011.

Brasil, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediações, 2000.

CASTRO, Iná Elias. **Geografia: conceitos e temas**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Metodologia Científica Fundamentos e Técnicas**. 16ª Ed. São Paulo: Papyrus, 1989.

COLETA, José Augusto Dela. **Atribuição de causalidade**. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1982.

CASTELOROGER. Amapá, minha amada Terra. <http://casteloroger.blogspot.com.br/2013/11/sala-de-literatura-amapaense.html>. Acesso em 2013.

CERQUEIRA, Mariana Costa. **A falta de hábito de leitura nos jovens**. Disponível em (2012): <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/16445/a-falta-do-habito-de-leitura-nos-jovens>.

Conheça o Amapá. Município de Mazagão. Acesso em 2012: <http://www.amapadigital.net/mazagao.php>

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GINDRI, G. T. e FREITAS, S. N. **Lei de Diretrizes e Bases: cenário de sentimentos dos professores frente à inclusão escolar**. Acesso em 2013. <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=463>

Investimentos inéditos em CT&I ultrapassam a ordem de R\$ 11 milhões. Acesso em: 2012 <http://www.setec.ap.gov.br/det.php?cd=1630> ‘

LOPES, Maria Vilhena. Amapá: Cultura, Poesias e Tradições. Goiás: Kelps, 1997.

LINS, Cristovão. A Jari e a Amazônia. Rio de Janeiro: DATAFORMA em convênio com a Prefeitura Municipal de Almeirim (PA), 1997.

MATIAS, Vandeir Robson da Silva. Abordagem teórica-metodológica da geografia escolar e cotidiano-elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem. Caminhos de Geografia, Uberlândia v. 9, n. 26 Jun/2008.

MORAIS, P. D. e MORAIS, J. D. O Amapá em perspectiva. Macapá: Gráfica J.M., 2005.

MORAIS, Paulo Dias. Amapá: de Capitania a Território. Macapá: Valcan, 1999.

MORAIS, Paulo Dias. Geografia do Amapá. Macapá: JM Editora Gráfica, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Emanuelle. Tendências Pedagógicas. Disponível em (2013): <http://www.infoescola.com/pedagogia/tendencias-pedagogicas/>

O Uso de questionários em trabalhos científicos. Acesso em 2012:

[www.inf.ufsc.br/.../O uso de questionarios em trabalhos científicos](http://www.inf.ufsc.br/.../O_uso_de_questionarios_em_trabalhos_cientificos).

Observatório da Educação. Disponível em. Acesso em 2012: <http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php/artigos> em 30 de novembro de 2010.

PONTUSCHKA, NídiaNacib. Para ensinar e aprender Geografia. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009

PENTEADO, Helena Dupas. Metodologia do ensino de História e Geografia. 2ª Ed. São Paulo; Cortez, 2008.

Primeiras Pesquisas sobre o Amapá. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad98/saude/metodologia.shtm>. 1998.

Espaço agrário amapaense. Acesso em (2013): <http://www.agronline.com.br/artigos/pesquisa-agropecuaria-amapa>.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia. Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. História do Amapá. Macapá: Editora Gráfica O DIA S/A, 1998.

SANTOS, Antonio Carlos. Geografia do Amapá. Belém: JM Editora, 2007.

SANTOS, Akiko. Didática sob a ótica do pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SANTOS, Akiko e **SOMMERMAN**, Américo. Complexidade e transdisciplinaridade: em busca da totalidade. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

SILVA, Lenira Rique da. **A natureza contraditória do espaço**. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Kleber Soares Da. **História da Universidade Federal do Amapá**. Disponível em (2013): <http://www.unifap.br/public/index/view/id/5347>

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2008.

Teoria das Inteligências Múltiplas. Acesso em:
http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/inteligencias_multiplas.htm. 2014

SÓGEOGRAFIA. <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/Amapa/> Acesso em 2013

VESENTINI, Jose Willian. **O ensino da Geografia no Final do Século XX**. São Paulo: Ática, 1998.

Mapa rodoviário do Amapá. Disponível em: <http://asnovidades.com.br/mapa-do-amapa-para-colorir/> em 27 de agosto de 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2000.

ANEXOS

ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR.....	73
ANEXO B: QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO.....	74
ANEXO C: ENTREVISTA COM O PROFESSOR.....	75
ANEXO D: ENTREVISTA COM O ALUNO.....	76
ANEXO E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	77
ANEXO F: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	78
ANEXO G: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	79
ANEXO H: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	80

ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O PROFESSOR

PROJETO DE PESQUISA - REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO

Macapá, ____ de _____ de _____

Objetivo da Pesquisa: Analisar, através de um referencial teórico, as necessidades pedagógicas dos professores e alunos do Ensino Médio Integrado e compará-las ao que o livro didático de Geografia do Amapá apresenta.

1- Professor (a) _____

2- graduado (a): _____

Instituição: _____

() Especialização () Mestrado () Doutorado

2- Tempo de serviço: _____

3- Você usa o livro didático? De que forma?

4- Você está satisfeito (a) com o livro didático de geografia? Por que?

5- Quando o assunto é geografia do Amapá, como é conduzido o processo pedagógico?

6- Você está satisfeito (a) com o acervo de geografia do Amapá? Por que?

Obrigada!

ANEXO B: QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O ALUNO

PROJETO DE PESQUISA - REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO

Macapá, _____ de _____ de _____

Objetivo da Pesquisa: Analisar, através de um referencial teórico, as necessidades pedagógicas dos professores e alunos do Ensino Médio Integrado e compará-las ao que o livro didático de Geografia do Amapá apresenta.

1- Aluno (a): _____

Instituição: _____

Curso: _____

Série:

() 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano

2- Você usa o livro didático? De que forma?

3- Você está satisfeito (a) com o livro didático de geografia? Por que?

4- Quando o assunto é geografia do Amapá, como seu professor trabalha os assuntos em sala de aula?

5- Você está satisfeito (a) com o acervo de geografia do Amapá? Por que?

6- Que sugestões você daria para que as aulas de geografia do Amapá fossem mais proveitosas e significativas?

Obrigada!

ANEXO C: ENTREVISTA COM O PROFESSOR



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

ENTREVISTA COM O PROFESSOR

PROJETO DE PESQUISA - REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO

Macapá, ___ de _____ de _____

1- Professor (a) de Geografia do IFAP – Câmpus Macapá: _____

2- Objetivo da Pesquisa: Analisar, através de um referencial teórico, as necessidades pedagógicas dos professores e alunos do Ensino Médio Integrado e compará-las ao que o livro didático de Geografia do Amapá apresenta.

2- Graduação (a): _____

Instituição: _____

() Especialização Completo () Especialização em curso

() Mestrado Completo () Mestrado em curso

() Doutorado Completo () Doutorado em curso

3 - Tempo de serviço:

4- Você usa o livro didático? De que forma você usa no Ensino Técnico?

5 - No seu ponto de vista quais os critérios adotados para a construção do livro didático de geografia do Amapá?

6-Existe alguma relação da construção do livro didático de geografia do Amapá com a instituição de ensino com o aluno e com o professor?

7- Os mesmos atendem as necessidades didáticas e metodológicas?

8- Você pode falar um pouco da abordagem que se faz sobre o espaço agrário amapaense nos cursos que você trabalha?

9-Dos cursos que o IFAP oferece: Mineração, Alimentos, Edificações e Redes de Computadores da área técnica. Qual desses cursos você acha que deve ser trabalho o espaço agrário amapaense ou se deve trabalhar em todos eles?

10- Com relação a geografia do Amapá, que referências você já trabalhou? Quais são as suas necessidades pedagógicas para trabalhar essa geografia no 3º ano do ensino técnico? Elas são atendidas?

ANEXO D: ENTREVISTA COM O ALUNO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA SÂMIA ADRIANY UCHÔA DE MOURA

ENTREVISTAS COM O ALUNO

PROJETO DE PESQUISA - REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO

Macapá, ___ de _____ de _____

Objetivo da Pesquisa: Analisar, através de um referencial teórico, as necessidades pedagógicas dos professores e alunos do Ensino Médio Integrado e compará-las ao que o livro didático de Geografia do Amapá apresenta.

1- Qual é o seu nome? Qual é o nome da sua escola? Qual é o seu Curso?

Em que série você está?

2- Você pode citar alguns livros de geografia do Amapá?

3- Você pode comentar um pouco se esses livros são bons para o entendimento da geografia do Amapá?

4- Você saberia dizer se esses conteúdos te ajudariam na profissão que você vai exercer ao concluir esse curso?

5- Na sua opinião, de que forma deveria ser o livro didático de geografia do Amapá?

Obrigada!

ANEXO E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
INSTITUTO FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS MACAPÁ



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(De acordo com a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/ 2012)

Você está sendo convidado (a) para participar da Pesquisa do aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - PPGEA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, intitulada: **REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO**. Você foi selecionado para responder questionários e/ou entrevistas, mas sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) pesquisador (a) e nem com qualquer setor desta Instituição. O objetivo deste estudo é **Analisar a produção bibliográfica de Geografia do Amapá nas escolas públicas de ensino profissional do Amapá, com o intuito de descobrir se a mesma atende ou não as necessidades pedagógicas dos professores e alunos**. Não há riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Sua colaboração é importante para o desenvolvimento da pesquisa. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. Participar desta pesquisa não implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação. Você receberá uma cópia deste termo com o e-mail de contato dos professores que acompanharão a pesquisa para maiores esclarecimentos.

Sâmia Adriany Uchôa de Moura
Assinatura da pesquisadora

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP.
Nome da pesquisadora: Sâmia Adriany Uchôa de Moura
Tel: 96 8119 6211 - e-mail: samia.moura@ifap.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Dalila Kelle da Silva Nobre
Sujeito da pesquisa

Declaro que tenho conhecimento, consentimento e permito o menor supracitado em participar da pesquisa em tela.

Data 09/11/13

Rosilene da Silva
Assinatura do responsável

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(De acordo com a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/ 2012)

ANEXO F: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
INSTITUTO FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS MACAPÁ



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(De acordo com a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/ 2012)

Você está sendo convidado (a) para participar da Pesquisa do aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - PPGEA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, intitulada: **REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO**. Você foi selecionado para responder questionários e/ou entrevistas, mas sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) pesquisador (a) e nem com qualquer setor desta Instituição. O objetivo deste estudo é **Analisar a produção bibliográfica de Geografia do Amapá nas escolas públicas de ensino profissional do Amapá, com o intuito de descobrir se a mesma atende ou não as necessidades pedagógicas dos professores e alunos**. Não há riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Sua colaboração é importante para o desenvolvimento da pesquisa. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. Participar desta pesquisa **não** implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação. Você receberá uma cópia deste termo com o e-mail de contato dos professores que acompanharão a pesquisa para maiores esclarecimentos.

Sâmia Adriany Uchôa de Moura
Assinatura da pesquisadora

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP.

Nome da pesquisadora: Sâmia Adriany Uchôa de Moura

Tel: 96 8119 6211 - e-mail: samia.moura@ifap.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Marlene Mendonça Pereira
Sujeito da pesquisa

Declaro que tenho conhecimento, consentimento e permito o menor supracitado em participar da pesquisa em tela.

Data 04/11/13

Juiany da S. Mendonça
Assinatura do responsável

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(De acordo com a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/ 2012)

ANEXO G: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
INSTITUTO FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS MACAPÁ



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(De acordo com a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/ 2012)

Você está sendo convidado (a) para participar da Pesquisa do aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - PPGA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, intitulada: **REFLEXÕES SOBRE AS NECESSIDADES PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA DO AMAPÁ E O LIVRO DIDÁTICO**. Você foi selecionado para responder questionários e/ou entrevistas, mas sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) pesquisador (a) e nem com qualquer setor desta Instituição. O objetivo deste estudo é **Analisar a produção bibliográfica de Geografia do Amapá nas escolas públicas de ensino profissional do Amapá, com o intuito de descobrir se a mesma atende ou não as necessidades pedagógicas dos professores e alunos**. Não há riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Sua colaboração é importante para o desenvolvimento da pesquisa. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. Participar desta pesquisa **não** implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação. Você receberá uma cópia deste termo com o e-mail de contato dos professores que acompanharão a pesquisa para maiores esclarecimentos.

Sâmia Adriany Uchôa de Moura
Assinatura da pesquisadora

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP.

Nome da pesquisadora: Sâmia Adriany Uchôa de Moura

Tel: 96 8119 6211 - e-mail: sâmia.moura@ifap.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Emmanuel Emanuel Souza da Costa
Sujeito da pesquisa

Declaro que tenho conhecimento, consentimento e permito o menor supracitado em participar da pesquisa em tela.

Data 04/11/13

Sheila Regina Lima de Souza
Assinatura do responsável

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(De acordo com a Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/ 2012)